

CASSIMIRO PEDRAL E A HISTÓRIA DA PEDRA DO SAL

Recortes de memória



Ficha Técnica

Coordenação

Francinalda Maria Rodrigues da Rocha
Luciano Silva Galeno
Rosângela Maria dos Santos

Entrevistas e Transcrições

Luciano Silva Galeno
Lucas Gabriel Sipriano Santos

Texto

Osmar Rufino Braga
Francinalda Maria Rodrigues da Rocha
Samuel Pires Melo

Ilustrações

Dieson de Oliveira da Costa

Revisão Técnica

Marcia Evelin de Carvalho

Parcerias

Universidade Federal do Piauí - UFPI
Universidade Estadual do Piauí - UESPI
Associação de Moradores e Pescadores da Pedra do Sal
Associação Comunitária da Pedra do Sal
Associação dos Barraqueiros da Pedra do Sal
Pescadores da Pedra do Sal
Surfistas da Pedra do Sal
Arte e Luz - Labino
Escola Municipal dr. João Silva filho

Financiador

Prefeitura Municipal de Parnaíba
Superintendência de Cultura de Parnaíba

Apoio

SOS Mata Atlântica

Diagramação

Fabricia Lopes
João Paulo Peixoto

Impressão

Gráfica e Editora Sieart

Ficha Catalográfica elaborada pela bibliotecária
Christiane Maria Montenegro Sá Lins - CRB/3 - 952

R672c

ROCHA, Francinalda Maria Rodrigues da

Casimiro Pedral e a história da Pedra do Sal: recortes e memórias/ Francinalda Maria Rodrigues da Rocha; Osmar Rufino Braga; Samuel Pires Melo. – Parnaíba: SIEART, 2014.

48 p.
ISBN: 978-85-60146-55-0

1. Literatura Piauense - Contos 2. Literatura Parnaibana - Contos. I. Título.

CDD P869.37

Comissão Ilha Ativa - CIA

Presidente

Leandro Inakake de Souza

Vice-presidente

Liliana Oliveira Souza

Secretária

Kesley Paiva da Silva

Sub-secretária

Daniele Alves Lopes

Tesoureiro

Mario Lucio de Moraes Damasceno

Sub-tesoureiro

Alan Elias Silva

Conselho Fiscal

Francinalda Maria Rodrigues da Rocha

Flávio Luiz Simões Creso

Adilson Silva de Castro

Luciano Silva Galeno

Ana Maria Brandão de Oliveira

Maria Antônia de Oliveira dos Santos

Endereços

Sede: Rua São José, 192 - Centro

Ilha Grande - PI - CEP: 64.224-000

Escritório: Avenida Presidente Getúlio Vargas, 268

Sala 208 - Centro - Parnaíba - PI - CEP: 64.200-200

www.comissaoilhaativa.org.br

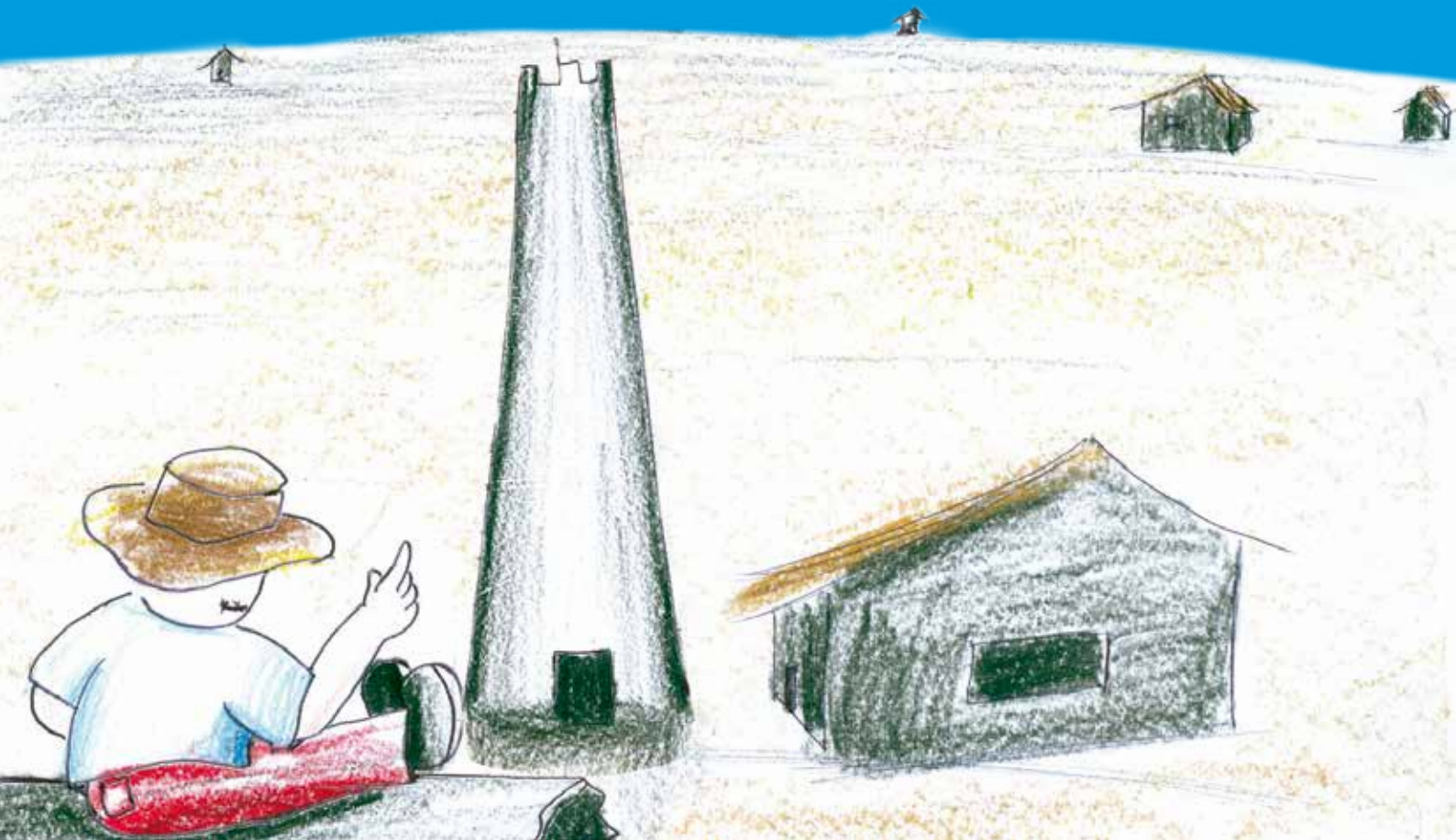
Contatos

cia@comissaoilhaativa.org.br

(86)3322 3505

Dedicatória

Aos povos do mar da Pedral, pescadores, mulheres, crianças, adolescentes e jovens que ajudaram a escrever com suas vivencias essa história que envolve o resgate de sua cultura e a proteção ambiental.



Agradecimento

Aos moradores da Pedra do Sal por compartilharem suas histórias e seus espaços de vida por meio da *Memória e Contação de Histórias*, para os quais esta publicação foi elaborada no desejo de colaborar com o resgate da memória desse espaço rico em sabedoria e de recursos naturais.

A Superintendência de Cultura de Parnaíba pela credibilidade e apoio financeiro para realização dessa publicação.

A Fundação SOS Mata Atlântica por entender que o respeito aos bens naturais está compartilhado dentro da cultura de um povo.

A Universidade Federal do Piauí - Campus Ministro Reis Veloso, representado pelo curso de Pedagogia, em nome dos professores Samuel Pires Melo e Osmar Rufino Braga por acreditarem na construção do conhecimento em parceria com as comunidades.

A Universidade Estadual do Piauí - UESPI, pela professora Marcia Evelin de Carvalho por suas contribuições na revisão textual.

Aos sócios da Comissão Ilha Ativa CIA por valorizarem as histórias das comunidades para o fortalecimento do compromisso socioambiental.

Sumário

7	Apresentação
9	A formação da comunidade: as primeiras famílias de pescadores, quilombolas e indígenas
12	As condições de vida, a sobrevivência e as travessias na pedra do sal
15	As vozes femininas: o ambiente natural da pedra do sal - as lagoas, os cajueiros
18	As práticas de alimentação
20	Trajetórias da Pedra do Sal com os saberes escolares
22	O imaginário do medo no trabalho dos moradores da Pedra do Sal
37	Ritos dos moradores da Pedra do Sal: importância e significado
42	Histórias sobre encanto na vida no mar
45	Anedotas e ensinamentos

Apresentação



Sou Cassimiro Pedral, um andarilho brasileiro, que gosta de contar histórias, desvendando fatos, acontecimentos, situações, memórias e sonhos; gosto de conhecer como começa a história e a vida de um lugar, desbravar seus mistérios, crenças, danças, “causos”, festas, brincadeiras e também as lutas e formas de organização que o povo inventa e constrói para viver melhor e com mais dignidade. Sou um artista popular e costumo apresentar-me em forma de boneco para contar as histórias do povo de meu país.

Neste livro, conto a história da Pedra do Sal. Procuo fazer um feixe das coisas bonitas e desconhecidas da gente que povoou e atualmente vive nessa comunidade. Adentrei no coração e na vida desse povo e visitei suas memórias, as quais coloco numa grande rede de pesca da história das

famílias desse lugar, onde vou alinhavando cada fio e pedacinho de linha dessa história, tecendo o que ouvi, registrando o que me contaram, abrindo caminhos no mar da sabedoria dos pescadores e trazendo para as margens desse imenso marzão tudo aquilo que faz parte da alma e da vida dessa comunidade.

A Pedra do Sal está localizada na Ilha Grande de Santa Isabel, tem 8 km de extensão e está a 15 km de distância da cidade de Parnaíba, estado do Piauí. Ela pertence ao município de Parnaíba, que tem uma população atual de 145. 705 habitantes (IBGE, 2010).

Cheia de encantos e mistérios, que se escondem pelas pedras da praia, que trazem as marcas dos povos antigos, como os fenícios, e pelos caminhos do mar trilhados pelos pescadores, a

história da Pedra do Sal é aqui apresentada por mim, Cassimiro Pedral, em recortes de memória a mim revelados pelos moradores e moradoras dessa belíssima praia de ondas calmas e bravas. Um dos moradores, o Fernando¹, me disse: “A maior parte das crianças e dos jovens não conhecem metade da história da comunidade, ela só é uma comunidade quando ela tem uma história [...], sabendo contar é muito importante fazer essa história vir à tona novamente”.

Antonio Batista², contou-me ainda: A Pedra do Sal está se acabando; esse projeto dos cata-ventos não é vantagem. Observando a iluminação dos portes durante a noite, verifiquei que só quatro acendem. Para que essa vontade do governo de fazer isso, se não beneficia quem mora no lugar? E também em vez que a água falta o mês inteiro, e para sobreviver, tem que puxar água do poço; para surpresa ainda, vem uma conta alta para pagar. Tudo é diferente na Pedra do Sal, parece não querer ir pra frente desse jeito.

Será que a história e as memórias que aqui vão ser relatadas podem ajudar a comunidade, principalmente as crianças e os jovens, a entender o que está acontecendo com a população e o futuro da Pedra do Sal?

Convido, então, todos os leitores e leitoras para reacender o farol da história e das memórias da Pedra do Sal, a fim de conhecerem seu sentido e significado, revisitando importantes aspectos da cultura dessa comunidade litorânea.

Vamos começar?



A formação da comunidade: as primeiras famílias de pescadores quilombolas e indígenas



Nas andanças por esse mundo de meu Deus, mundo dentro do qual cabem muitas histórias, ouvi algumas que começam com pouca gente, em lugares diversos, como a que conto agora para vocês. Essa história começa na beira do mar, num lugar chamado de Pedra do Sal, perto de um farol, ao redor do qual um povo construiu suas casas.

Nas noites escuras da praia, o farol era a única luz que alumiaava a vida do pequeno povoado de pescadores da Pedra do Sal. Não me lembro direito, mas contam que, no começo, a Pedra do Sal era povoada por quinze famílias. A casa mais próxima do farol pertencia a um morador mais velho e se localizava perto de um morro. Esse morador pertencia à família dos Severos. Tinha o Antônio Severo, o João Severo, o Ângelo Vieira, o Antônio Bernardino e pessoas ligadas à família de uma senhora de nome Emília.

Dona Teresa³, uma das moradoras antigas do lugar, conta que a única obra construída de alvenaria e telha, era a casa do farol da capitania, órgão responsável pela administração da área portuária e pela segurança da navegação. Essa casa servia de sinal para os navios. Quando avistada, anunciada pela luz do farol no topo da casa, de longe os marinheiros gritavam:

– Estamos no Canto da Pedra do Sal!

Quem tomava conta do farol era chamado de faroleiro, capataz ou vigia da capitania. No fogo do farol havia quatro tubos grandes, trazidos pelo jipe ou pela lancha da capitania, que fazia a luz do farol acender.

O capataz da capitania era tido como a pessoa mais importante que existia na Pedra do Sal. Era chamado de Antônio Firmino dos Santos.

– “Se fosse nessa época de hoje, se ele tivesse morrido, tinha ganhado alguma coisa, pelo trabalho que fazia, mas naquele tempo, não tinha esse negócio de dizer, tem que ganhar isso ou aquilo” – Dona Teresa me contou.

E foi assim que, com o tempo, foi chegando mais trabalhadores e trabalhadoras na Pedra do Sal, todos pescadores que, para se desenvolverem nessa arte, tinham que tirar um talãozinho na capitania para se declarar pescador. Era desse modo que o pescador era amparado pela capitania. Caso acontecesse alguma coisa, a capitania oferecia a ele um auxílio.

– “Há quem diga que seria a família de Dona Elisa, que formou os primeiros moradores da Pedra do Sal” – afirma Dona Teresa.

– “Eles eram descendentes de Quilombos,

vindos por meio de barcos que transportavam escravos e ancoravam nesse lugar” – completa Dona Norma⁴.

Em meio a esses antigos moradores da Pedra do Sal, conta Dona Norma, que existiu nessa época uma moça que vivia no matagal com medo da repressão e que, para pegá-la, era preciso utilizar o facão, enquanto ela saía correndo pelo mato. Com o tempo, a moça foi amansando com as pessoas do lugar.

Mas eu escutei outras histórias sobre a origem da Pedra do Sal, como aquela que informa que só existiam dez casas no lugar. E como se tinha muito espaço, todas localizavam-se longe umas das outras. Entre os donos daquelas casas estavam o Venâncio, Joaquinzinho, Vaquinzinho e a do Doutor Luiz. Os moradores mais velhos eram o Severo, Anjo, Zé Grosso, Zé Viturino, Furtuna e o Coringa.

Tem também a história contada por outro morador, Sr. Garajau⁵. Esse morador me contou que, no início, aqui moravam três famílias: a família Bernardinho, a do João Severo e a do Carraca. Segundo ele, essa história era contada pelo seu pai.

Conversei com Zé Grosso, Vidal e Zé de Brito, mas eles me informaram que pouco ou nada ouviram falar sobre a origem da Pedra do Sal. Além disso, lembra ainda um desses moradores, que existem registros em pedras que podem também dizer sobre as famílias que fizeram história neste lugar. Segundo ele, foram encontrados em uns cascalhos registros com os nomes Vidal e do Zé de Brito. Até conseguiu encontrar uma pedra com o seu sobrenome “Garajau”, no local que é um

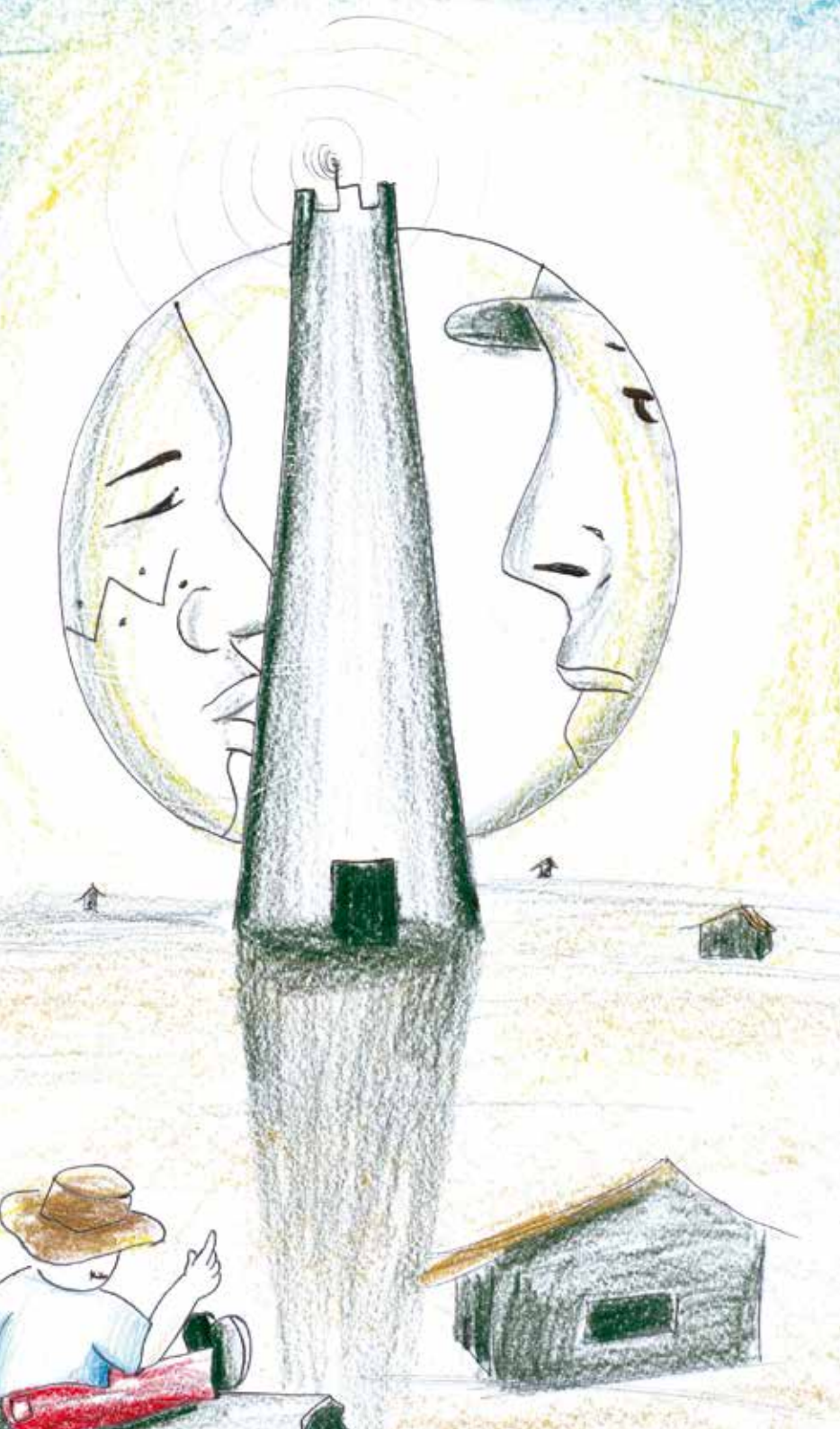
visgueiro, achado por ele e um colega do Ceará, em 1971.

Sabendo então da existência dessas famílias que foram habitando o lugar, pelo que contam os moradores, existiram distinções da forma como viviam. Eram poucos os pescadores que viviam como a família de João Severo e do Ricardo. Foi somente depois de certo tempo que foram chegando outras famílias, como as de Silva. Os Silva fizeram as casas nas pedras para mostrar a grandiosidade da força que tinham no lugar e que lhes dava o direito de ocupar uma área pertencente à Marinha, comenta o pescador.

A história da família Silva na formação da Pedra do Sal também foi contada. Tudo começou quando o Seu Garajau chegou por aqui. Já existiam pessoas morando no local, mas quando o Tavares velho vinha montado em seu cavalo, amarrava-o debaixo da latada do Coringa, uma bodega que existia no povoado, e saía passeando na praia, olhando as pedras e o que existia na região. Sentia-se dono de tudo.

– “O velho, como tinha terreno fora da comunidade, chegou dizendo que as terras lhe interessavam; pegou, escreveu e até hoje em dia a família dos Silva diz ser dono da Pedra do Sal. E todo mundo naquela época era neutro, não se sabia de nada” - explica o Sr. Garajau.

Pelo que o povo conta, na mesma região, numa pequena comunidade de Pedra do Sal, conhecida como Alvim, área de dunas, existiam pessoas que tinham traços indígenas. E o Morro do Urubu era habitado por outras pessoas que viviam nesse lugar como o falecido Xaru e a Dona Nega.



Questões para conversar:

1. O que deu origem a comunidade da Pedra do Sal?
 2. O que era o farol e o que ele representava para o povo da Pedra do Sal?
 3. O que é uma comunidade quilombola e indígena?
 4. O que as pedras “falavam” dos primeiros habitantes da Pedra do Sal?
 5. Por que é importante conhecer a história de um lugar e de um povo?
-



As condições de vida, a sobrevivência e as travessias na pedra do sal...

Nessas minhas andanças pela história da Pedra do Sal, procurei saber sobre como o povo vivia ou sobrevivia naquela época e como se deslocava de um lugar para o outro.

Os moradores e moradoras me contaram que as casas, em sua maioria, eram de palha e taipa, sempre muito humildes, como todo mundo conhecia, e que hoje se tornaram raras no lugar. Para fazer a porta, um pedaço de pau era cortado na praia e colocado no lugar.

– “Hoje em dia, vai-se em Parnaíba e compra-se tudo feito, ou vem um camelô e vende aqui na porta da casa” – me explica Sr. Lô⁶. Ele continua:

– “Quando uma casa ficava ruim, esta era destruída e no mesmo lugar se construía outra. E ninguém chegava para dizer que esse pedaço de chão não lhe pertencia. Para a construção das casas, a gente montava nos jumentos para pegar barro no morro do Labino”.

Os moradores também me falaram sobre as dificuldades na construção das casas e habitações simples, bem como sobre as travessias entre lugares, em geral muito dispendiosos. Quando se tinha de ir a Parnaíba, os adultos iam a pé, e as crianças no lombo do animal; quase sempre se viajava de madrugada. O percurso era por dentro

do mato, pelo morro do Labino, no lugar chamado Pinico Quebrado, onde de lá se atravessava para chegar a Parnaíba.

A hora de fazer as travessias da Pedra do Sal para Parnaíba era medida pela natureza, com o canto do galo da madrugada e/ou pelo apito da Fábrica Moraes. Quando ela apitava, tinha-se conhecimento das horas. A viagem para Parnaíba tinha que acontecer, de qualquer maneira, fazendo chuva ou com relâmpago, conta o Sr. Lô: Perto do Labino, a água da chuva chegava nos braços por causa da enchente; o inverno começava no mês de dezembro e se estendia até maio; quando a chuva iniciava, não se podia sair de casa. Ninguém gostava de ir sozinho, porque era muita visagem pelo caminho. Os mais novos iam sempre acompanhados dos mais velhos, que, nos caminhos, iam contando histórias que assustavam. Por isso, ninguém queria ir atrás da fila porque tinha histórias amedrontadoras de lobisomem e de gritador.

O Sr. Lô busca outra história na memória e fala: Conta-se que um grupo de pescadores foi vender o peixe em Parnaíba de tarde; vendeu e voltou para casa pela noite; e um dos pescadores deu um grito, pulou e perdeu o calçado por uma

alma ter dado uma pisa nele. A vida da pesca dava para pescar muito bem, mesmo tendo apenas três canoas, explica-me o morador. Quando chegava com peixe, tratava-se e colocava-se na balança e depois se levava para Parnaíba, no mesmo dia, ou então se salgava o peixe para ser levado no dia seguinte.

Procurei saber sobre a comercialização do pescado. Os moradores me informaram: A comercialização de peixes, caranguejos, siris, camarão não se dava da forma como se faz hoje. Mesmo que naquele tempo a natureza fosse farta, não se podia vender ou trocar por mercadoria básica do cotidiano: querosene, fósforo, sabão, roupa, calção e calçado. Tudo da natureza tinha com abundância, mas se você pegasse camarão, peixe para vender em Parnaíba ou Luís Correia, ninguém se interessava, porque todo mundo fazia a mesma coisa. Naquele tempo era sufoco, porque existiam produtos industrializados que se precisava e não tinha como comprar.

Contam ainda: para vender os peixes no mercado Central (Velho) ou nas portas das casas, os pescadores Clóvis, Xaru, Guia, Carlos Carraca, Antônio Bacurau saíam da Pedra do Sal todo dia à tardezinha e à boquinha da noite, ou pela madrugada, por umas trilhas que iam pela mata de cajueiros nativos. Como o peixe camurupim durava até dez horas do dia, era matado, tirava-se o espinhaço e colocava-se em cima das carnaúbas, dentro de casa.

O povo também me contou que, quando se tinha dinheiro para fazer compras, era utilizado o animal ou trazia-se as compras na cabeça, de Parnaíba para a Pedra do Sal.

– “Para se comprar um quilo de farinha - explica Antonio Batista - tinha que se ir ao Labino, onde só tinha o direito de comprar apenas dois quilos de farinha por pessoa”.

Uma coisa marcante nas histórias da vida do povo da Pedra do Sal era a prática do trabalho coletivo entre as pessoas. Uma moradora, Dona Ana⁷, me explicou como era esse trabalho:

Naquela época, todo mundo ajudava no trabalho de sobrevivência, fossem as crianças, adultos e idosos. A infância era vivida pelos moradores de forma simples, muito pobre, mas feliz. Os pais pescavam ou compravam peixe para vender em Parnaíba. E a garotada vivia de pegar fruta no mato como caju, murici, guajiru. As pessoas não tinham salário. Os mais velhos, para sobreviver, também catavam pauzinho ou casquinha do mangue para vender, ou matava uma criaçãozinha de ovelha e bode para se alimentar.

Ainda sobre as condições de moradia e sobre o transporte, Dona Ana relatou que: Não existia água encanada, pegava-se na cacimba. A energia também faltava, tudo era à base da lamparina. Quando foi feita a estrada, ficou tudo melhor; com a pista, veio o progresso, a energia, o carro. O primeiro transporte coletivo era pick-up, que só vinha uma vez por semana. Hoje, para construção da usina, estão derrubando muito cajueiro. O povo nem liga, mas quando foi para construir a estrada daqui, ia muita gente ver a máquina virar os cajueiros.



Questões para conversar:

1. Como era a vida comunitária das famílias da Pedra do Sal? Como viviam os pecadores?
2. A era a situação de moradia das famílias?
3. Como o povo enfrentava as travessias? O que se pode falar sobre as travessias da vida de hoje? Que situações de travessia o povo vive hoje em dia?
4. O que é uma visagem? Quais as visagens de hoje?
5. Qual a diferença da vida daquela época para a vida de hoje?

As vozes femininas: o ambiente natural da pedra do sal - as lagoas, os cajueiros...



Procurei me informar sobre o ambiente natural da Pedra do Sal e uma moradora me contou: Na Pedra do Sal existiam várias lagoas, como a Lagoa do Valete, com águas cristalinas, límpidas, sem sujeira nenhuma. A lagoa da Rodagem, que se está construindo dentro dela. Um pouco mais afastado da Pedra do Sal, tinha uma roça enorme com melancia, mandioca, cebolinha, o cheiro verde... tudo que era necessário para a sobrevivência. As lagoas serviam para nossa sobrevivência, pois se tirava a água para beber, tomar banho, lavar louças.

Quando era verão, tudo se limitava à cacimba, de onde se tirava água para botar nos potes e coava-se no pano para beber. Nem tinha esse negócio de ter água encanada e energia. E esse medo de pegar micróbios, nem se passava na cabeça dos moradores.

Maria Amélia⁸ explica mais sobre as lagoas, mas reclama de outras situações de hoje: Essa Lagoa do Valete dava peixe, muito peixe, mas o pessoal ficava jogando porcaria dentro. Cadê a comunidade daqui? Não faz nada por ninguém? A gente vai pra uma reunião, fala uma coisa e noutro dia já fala outra. Ninguém nem pode falar mais nada, porque um puxa para um lado e outro

puxa para outro. Aqui, todos deveriam ser unidos para lutar pelo bem geral. Cadê a ambulância? Aqui não tem. O posto de saúde é muito bonito, mas cadê médico? Cadê a ambulância? Liga-se para uma ambulância em Parnaíba quando se tem uma pessoa doente, eles perguntam se o caso é de morte. Se for esfaqueada, a pessoa não vai ou fica mesmo pra morrer em casa. Só Nossa Senhora nos defende, o sangue de Jesus tem poder!

Outra moradora, de nome Tereza, me conta: na região com cajueiro, em que se vê o Morro do Urubu, Morro Gemedor, morou gente no lugar denominado Barracão, onde moravam várias pessoas que viviam de roça, que plantavam e faziam parte da história dessa região, aqui tanto da Pedra do Sal como do Labino.

Outros lugares em que comentam da existência além do Barracão, seria o Masué, Coqueiro, Tanque do Jatobá, Lagoa da Saúna, Lagoa da Porca, a Lagoa Preta. Esses lugares recebiam esses nomes porque as pessoas que moravam aqui, antigamente, batizavam esses lugares em homenagem às pessoas próximas deles, que se identificavam com aquele lugar.

Continua a moradora, Conceição⁹, do Garajau: viajei muitas vezes a pé, saía daqui no meio

da noite para Coroa, um bairro de Parnaíba. Lá, vendia no mercado murici, caju, castanha, peixe (piabinha, sauna) para ajudar a criar os meus irmãos. Meus pais geraram 14 filhos e só criaram sete filhos, apenas um homem. Ajudei aos meus pais financeiramente. Para isso, fui trabalhar em roça, apanhar arroz lá no Campo Grande, São Roque.

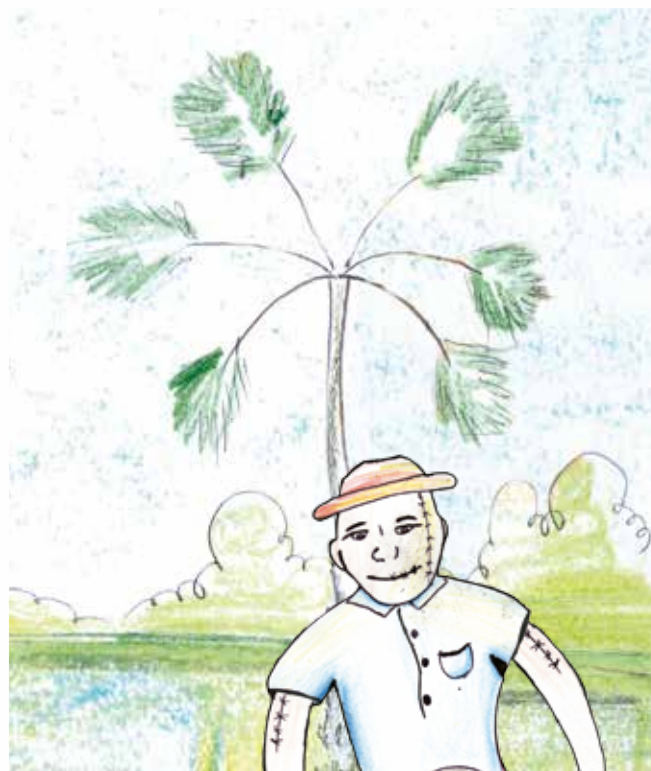
Para ir para lá, durante o inverno, tinha enchente grande para atravessar com sacola de arroz de palha, era um sacrifício, pois a água dava acima dos seios. Com a palha da carnaúba, faziam-se sacolas para apanhar arroz. O pagamento se dava da seguinte maneira: se apanhava arroz todos os dias e, no final de semana, tinha direito a uma sacola de arroz. Para comer o arroz, tinha que torrar na panela de ferro, quando acabava, pisava-se para dar de comer aos irmãos pequenos.

Dona Conceição do Garajau, continua falando que viveu na Pedra do Sal em tempos já passados e puxa uma história de assombração: Quando fui a Parnaíba com meu pai, pelo caminho tinha uma descida assim; no inverno, tinha uma lagoa muito grande. Ele disse assim: minha filha, olhe aqui nessa lagoa, neste alto aqui morou muita gente antiga; esses antigos tinham assombração. Eles deixavam as coisas para assombrar as pessoas que vinham fora de hora. E nós, saindo muito cedo, umas duas horas da madrugada.

Quando chegou na descida, o papai viu uma pessoa, mas eu não cheguei a ver na primeira vez. Ele disse: - Minha filha, caminha rápido, tu está caminhando lerda demais! Assim que ele me contou fiquei assombrada, corri e agarrei na mão dele. Ele disse: - Minha filha, você está

vendo aquela pessoa? - Pai, não estou vendo não, respondi. A pessoa vai atravessando a água, mas não se molha, disse papai. Aquela pessoa que está passando é um amigo meu que já morreu, e agora está fazendo assombração pra mim.

Finalizando as histórias de assombração, Dona Conceição contou mais uma: no Antônio Bem Vindo, lá na cabeceira do Alto Grande, que tem aquele Morro do Labino, passamos por lá, aí nós ouvimos um gemido feio. Perguntei a meu pai que gemido era aquele. Ele disse que era assombração. Eu disse: tão cedo não quero mais vir para esse lugar! Mas meu pai disse que eu era a única companhia para ele.





Questões para conversar:

Vimos que as mulheres da Pedra do Sal tinham uma relação muito próxima com as lagoas, cajueiros, dunas, etc., com o ambiente da comunidade. São elas que nos fazem pensar sobre a relação da comunidade com os recursos naturais.

1. O que nos chama a atenção sobre as lagoas e sobre o modo como a comunidade utilizava essas lagoas?
2. A lagoa, o cajueiro eram recursos ou bens naturais. Por que elas não são preservadas hoje?
3. A comunidade tinha uma relação com o lugar, com a terra, as árvores, os morros/dunas bastante forte. Por que batizavam esses lugares com o nome de pessoas próximas?
4. Qual a relação que o povo hoje tem com as lagoas, os morros, as árvores, as dunas...?
5. Os lugares falados tinham uma ligação com as assombrações, que provocavam medo e terror. Quais as assombrações de hoje? O que provoca medo hoje?



As práticas de alimentação



Os moradores da Pedra do Sal também me contaram sobre as mudanças nas práticas de alimentação daquele lugar. Uma história que me chamou a atenção foi a comparação que fizeram dos hábitos alimentares de antigamente e os de hoje. Sobre isso, Sr. Jonas¹⁰, me contou: A alimentação também mudou. Os netos, quando amanhece o dia, não querem um café com farinha de puba, preferem um sanduiche passado na chapinha e tudo mais. Naquele tempo, quando se tinha uma mão cheia de farinha, era uma felicidade! Para você assar um peixinho na brasa e fazer aquele pirãozinho com café... e quando não se tinha isso, a gente era obrigado a assar o peixe sozinho e comer, não tinha a mistura.

Sobre essa história continua o pescador Sr. Ló para quem mora na praia, criado comendo pescado, está mais difícil. Hoje, tem-se que substituir por galinha todo dia, pois o pouco de peixe que dá, os pescadores vendem para quem achar melhor. Segundo alguns pescadores, tempo bom seria o agora, pois esse que tem uma coisa para vender; precisa de algo se vai a Parnaíba, tem o carro para pegar e deixar. Antes, tinha que sair de madrugada, pela areia quente e por dentro da mata.

E falando sobre o uso do leite, Tereza¹¹, conta: o hábito de tomar leite se deu porque havia uma amizade com o pessoal do Cutia, que vinha

todos os dias de burro com a liteirinha, com o leite tirado do peito da vaca. Chegava, dava uns quatro litros, onde se passava o dia todo tomando aquele leite. O que sobrava era colocado para se transformar em coalhada, que servia de merenda no dia seguinte.

Mas é Fernando que chama a atenção também para outras mudanças na Pedra do Sal, além da alimentação. Ele fala sobre as “grilagens” na comunidade: A grilagem de terra cresce a cada momento, as pessoas se apossam das terras e vão vendendo. Isso, futuramente, vai fazer um mal tal grande, que eles não sabem na realidade o que estão fazendo! Com essa atitude, se está incentivando a poluição, acúmulo de lixo, lençol freático se acabando por falta de um tratamento de esgoto.

No meio da conversa, Fernando também falou sobre os bares da Pedra do Sal. Ele denuncia: Os primeiros bares que existiram foram o Bar Sereia, Bar do Mobe e o Bar da Dona Raimundinha. Esses barzinhos, na beira da praia, eram poucos e hoje se tem cerca de vinte e dois. Eles contribuíram para reduzir a beleza natural existente no lugar, pois não se pode mais apreciar a vegetação com o mar, vemos somente sujeira de saco, de copo e prato descartável. Antes não se via nada disso, apenas um pedaço de cabo de um navio ou de um barco que passava, uma boia....



Questões para conversar:

1. Como eram as práticas de alimentação da Pedra do Sal? O que nos chama a atenção nessas práticas?

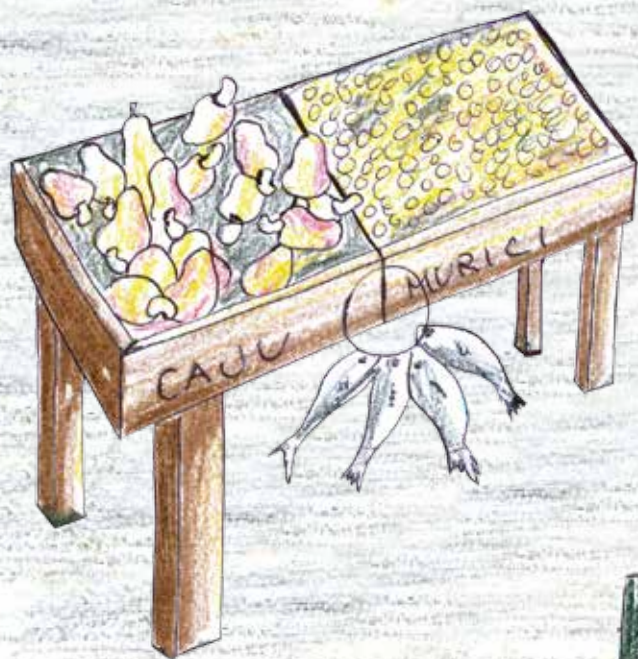
2. Qual a diferença entre as práticas de alimentação daquela época e as práticas de alimentação de hoje?

3. A alimentação era suficiente e tinha qualidade? E a de hoje?

4. Por Segurança Alimentar entende-se a realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis (Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional - LOSAN - Lei nº 11.346, de 15 de setembro de 2006). O que se pode fazer para alcançar essa segurança alimentar?

5. Os moradores também falaram da grilagem na comunidade, isto é, da apropriação indevida das terras que sempre pertenceram aos moradores que na Pedra do Sal nasceram. Por que ocorre a grilagem e quem a pratica? Quais as consequências dessa prática?

6. O que o povo pode fazer para lutar contra a grilagem?





Trajetórias da Pedra do Sal com a medicina caseira e os saberes escolares

Cada vez mais observo que as memórias partilhadas nas rodas muito me mostram sobre os saberes da gente da Pedra do Sal. Elas provocam uma reflexão sobre a riqueza de conhecimentos vivenciado no dia a dia dos moradores que, de maneira criativa se manifestam com características tipicamente local, como é muito bem lembrado por uma contadora da história da Pedra do Sal, Dona Teresa:

Nunca botei o filho no braço para levar para o doutor, pois antes quase não tinha e não precisava, porque tinham os remédios caseiros.... tudo a gente tinha em casa para fazer e dar as pessoas. Se tinha gripe dava o Gergelim, óleo de riso, cebola, alho e tudo a gente fazia aqueles remédios. Nasciam os dentes, o único remédio no mundo que meus filhos tomaram para tudo isso foi jalapa. Só tinha um médico em Parnaíba, finado Genésio. Foi o remédio que ele ensinava, se seu filho estava nascendo os dentes, se aparecer febre, diarreia dá um gole, bota o leite de peito na jalapa. Nunca levei filho para fazer exame, os que tinham para se criar se criaram. E os que estão aí crescidos, nunca foram ferimentos, leprentos, nunca foram lombriguentos. Passavam o dia todo na areia desde que acordavam, não tinha esse negócio de não pode ir para areia.

Mas em se tratando dos saberes vivenciados pelo mundo escolar, as dificuldades de diálogos foram muitas, como contou Dona Teresa sobre o seu professor, que “era um professorzinho muito atrasado”:

Quando eu entrei nos estudos, não foi possível ficar em Pedra do Sal, pois não havia onde estudar. Como meu pai tinha uma casa no Morro da Mariana (centro de Ilha Grande) fomos morar para lá. Nesse local tinha a escola da colônia de pescadores, não tinha prefeito, governador que fizesse a gestão, mas a colônia. A farda da escola era branca com quatro preguinhas na frente e atrás, a gola de marinheiro azul com uns cadarços branco. Os livros eram de autoria de Silva Ramos, li até o quinto livro Alberto de Carvalho. Era bem alto, vermelho...

Ao tempo em que narram o passado, outro contador, Fernando traz uma reflexão sobre o momento em que se encontra a educação formal das filhas e filhos da Pedra do Sal:

No momento alguns pais estão vivendo um sonho de ter filhos na universidade, que antigamente era completamente difícil para pessoas simples com educação superior. No processo já se tem pessoas formadas e em formação, em diferentes cursos: turismo, engenharia de pesca, biologia, psicologia e outros.



Questões para conversar:

1. Reflita sobre os saberes escolares de ontem e hoje na sua comunidade apresentando um quadro comparativo das principais mudanças

SUGESTÃO:

1. Dona Tereza relata que sempre tratou os problemas de saúde de sua família com remédios naturais - gergelim, óleo de arroz, cebola, alho, jalapa, entre outros. Por que, hoje, não há valorização da medicina natural?

2. Qual a importância que o povo dava para a educação na Pedra do Sal?

3. Como era a educação na Pedra do Sal?

4. Quais as diferenças da educação daquela época para a educação de hoje? Que mudanças aconteceram?

5. Quais os maiores problemas de hoje na educação?



O imaginário do medo no trabalho dos moradores da Pedra do Sal

Ouvindo as histórias dos modos de trabalhar dos moradores da Pedra do Sal, vi que muitas delas estão cercadas de assombração. E acredite que, visitando os locais onde disseram que viam essas assombrações, fiquei com um frio na espinha. Veja o que aconteceu com o Sr. Pescada¹², que ia “tarrafear” (jogar a tarrafa) com um amigo que não apareceu:

Pescada, um morador da Pedra do Sal, conta que certo dia, no período da noite, marcou uma pescaria com seu amigo, Raimundo Mela. Ficou tudo certo, pois Raimundo Mela pediu que Pescada fosse na frente e o aguardasse na praia. Raimundo Mela disse assim:

– Tu desces e me espera lá na barraca, quem chegar lá primeiro, a partir das 5 horas em diante, espera o outro, já que essa era a hora que a maré está saindo da praia, hora boa para tarrafear.

Pescada assumiu o combinado. Ele conta:

– Desci cedo e esperei na hora marcada, mas ele não chegou. Resolvi ir para praia tarrafear (jogar a tarrafa para pescar). Quando já estava tarrafeando, não encontrava água na praia, pensei que alguém tinha passado na minha frente. Quanto mais tarrafeava, a água

baixava e nada pegava, e a rede fica afundiada. Geralmente, quando tem essas presepadadas na praia, não aparece peixe. Então, tirei a tarrafa da água, viajei um pouco, tornei a tarrafear e nadinha. Depois lachei um bagre e quando estou quebrando o esporão, passa um vulto atrás de mim. Quando ele foi passando eu disse: é esse rapaz que anda na praia, pensei que fosse uma pessoa, que passou e entrou na água. Fiquei esperando, passou a maré grande, ele não voltou e nem subiu. Tentei jogar a tarrafa na água e não peguei nada.

Conta o Sr. Pescada que, depois desse fato, resolveu arrumar a tarrafa, colocá-la no ombro e partir de volta para casa, pensando que deveria voltar à praia, na manhã seguinte, para pegar isca para uma nova pescaria. Mas, mais medo sentiu quando topou com uma pessoa no caminho de volta para casa. Ele conta:

– Saí caminhando distraído, pensando no amanhã para pegar a isca pra ir novamente à praia. De repente, um camarada freou a bicicleta próximo de mim, me cobrindo todinho de areia. Virei e olhei para todo lado e não havia ninguém. Depois, eu conversando com meu companheiro de pesca, ele me falou assim:

nunca combine com ninguém de ir para um lugar, e se você for, esperar e ele não for, você volta, pois nesse dia nada dará certo.

Mas não é certo dizer, pelo que ouvi, que somente quando se anda sozinho é que aparece assombração. A narrativa de outro morador, conta que também estando acompanhado pode acontecer, veja:

Outra vez quando estava com o companheiro de pesca na praia apareceu um fogo, nós tarrafeando, tarrafeando e nada de peixe, só aquele fogão lá, aquela labaredona, igual o fogo dessa fogueira que se encontra na Roda de Contação. Decidimos ir na direção do fogo para ir de encontro com o pessoal que estava próximo àquele fogo. Quando chegamos perto o fogo foi baixando, baixando, nem fumaça tinha no local.

E quem disse que o medo é para quem está sozinho do fogo, tem também o medo do tempo chuvoso, como narrou Seu Garajau:

Quando eu saí para o mar, às 5 horas da manhã, eu mais dois colegas. O vento estava forte, chegamos no local da pesca e nada de peixe aparecer. Começou a aparecer já era 4 horas da tarde, aí nós começamos a nos animar, ficamos....ficamos....quando nos espantamos eram seis horas da tarde. Então, convidei os companheiros para voltar para casa. De repente, o tempo se formou, tempo de chuva, escureceu tudo e não deu para voltar, tivemos que esperar tempo melhorar. E foi abrandando, abrandando, até que acalmou, tiramos a vela e metemos o remo, e nisso nós não parava, só parava porque um amigo mais velho pedia para parar. Quando foi umas horas avistamos

uma canoa, era Fernandinho com aqueles dois irmãos, o Zé Maria e o outro moreninho que passaram por nós. A última canoa que chegou foi a nossa, quando o sol ia raiando.

Por outro lado, vi que o medo no trabalho dos pescadores não se dá somente pela assombração ou tempo ruim, a distância aonde se vai pescar também bota medo, como diz Seu Pescada:

Em um dos dias que fui a pescaria quando não existia gelo, a gente saía para pescar e salgava o peixe. Um dia a gente saiu daqui eu, Zequinha e Chaguinha para pescaria lá fora em alto mar, com uns 35 km da Costa. Nesse dia caía um temporal tão feio que não deu pra gente pegar o porto, fomos encostar nas praias do Maranhão, nos Poldros, foi o maior sofrimento. Meu pai e amigos da gente passaram a noite viajando a nos procurar. Quando tava chegando na praia a canoa alagou-se e perdemos todo peixe que a gente trazia. Dormimos na praia, apanhamos dos mosquitos e tivemos que nos cobrir com as velas molhadas da canoa. Isso aconteceu no sábado e somente no domingo de manhã saímos e foi que avistamos 4 canoas que tinham ido à procura da gente. Para eles nos avistarem foi preciso a gente se afastar bem do mangue. No encontro levavam a comida: farinha, manga e cachaça.

Mas se você pensou que só são estes os tipos de medo vividos pelos moradores da Pedra do Sal, se enganou, ainda tem o medo de não voltar do trabalho.

Como ele acontece? Quem conta é Dona Ana:

Lembro de um barco que naufragou que ia

com meu irmão e outros companheiros dele. Saíram já de tarde e a canoa virou e não conseguiram desvirar. Todo mundo foi para beira da praia e nada deles aparecerem, a lua estava cheia e tudo estava claro. No outro dia, o Claudio, filho do Dr. Alberto, passou um rádio para capitania informando que um barco do Piauí tinha se perdido. A capitania passou um rádio de volta dizendo que só acharam dois pescadores. Deu um desespero muito grande, pois não sabíamos onde estavam os outros, mas graças a Deus eles chegaram e falaram que já estavam perdendo as forças, só se segurando na canoa. Terminou tudo bem. Depois, um dia próximo a esse, meu marido também naufragou, pois a canoa alagou. Quando eles conseguiram pegar muito peixe, não conseguiram colocar pra dentro da canoa, pois a canoa alagou. Eles foram encontrados na Caiçara – MA, depois da Ilhas das Canárias. Liguei para todo mundo, até para capitania. Depois eles me retornaram dizendo que já tinham encontrado os pescadores todos vivos. Por isso, o meu marido, todos os anos, no dia 20 de julho, ele não vai para o mar, de jeito nenhum.

O medo também está cercado pelo poder dos órgãos do governo de se imporem no trabalho deles, veja o que diz um contador de histórias do lugar:

Hoje não pode matar um peixe. A gente tem que pescar de uma maneira que não pegue ele, pois se chegar a vender o mero (um tipo de peixe) vai é pra cadeia. Não sei pra que essa lei, que no mar nada se acaba, o mar não tem fim, é grande, é lugar do peixe, o mar é mina



e mineral, e peixe foi Deus quem deixou, na lagoa se acaba. Ainda falta aqui porque todo mundo pesca e vem embarcação de fora pescar, se tivesse fazendo toda hora, então poderia ser que acabasse, como o que acontece lá fora. No alto é onde tem garoupa, pargo, gaiuba, serigado (um tipo de mero, mas ele é mais fino, pintado tem duas marcas), bagre...

Ao lado dos órgãos do governo, eles também têm medo das empresas privadas, quem conta é outro morador da Pedra do Sal, Chico Biô¹³:

O empréstimo de banco, ninguém pode tirar! A não ser os donos de empresas, eles conseguem com facilidade. Se o governo fala que tem dez milhões para fazer uma embarcação para uma pesca que preste, o gerente do banco só empresta quinhentos, só solta quinhentos contos que nem dá para comprar uma carreta de nalho, como é que o caboco vai endireitar a pescaria? Na televisão vi o ministro falando que tem dinheiro para os pescadores melhorar as pescarias. Tem dinheiro no banco pra fortalecer a pesca. Quando era no tempo que saiu a possibilidade de fazer empréstimo no banco falei com o gerente e ele perguntou quantas galinhas, bodes, porcos, pintos criava. Depois desse tanto de pergunta mandei ele “ir pra casa do caramba”, e decidi voltar a pescar na minha canoa. Pesquei muito, entrei no mar com 13 anos, deixei com 55 anos. Criei minha família a custa da pescaria, meus netos. Alcancei o tempo de muito peixe. O problema foi quando a nação cresceu, cresceu danadamente e saiu essa danação de pescador, de empresa de peixe.

O imaginário do medo que cerca o trabalho dos moradores locais ganha maiores proporções

com o aumento da população e a frequência de pessoas na Pedra do Sal. Eles narram como isso pode ser ruim para o outro e para o grupo, vejamos o que diz o Seu Jonas:

Pedra do Sal tá grande, aumentou muito, graças a Deus, é bom porque tem muita gente, mas não é só o povo da Pedra do Sal, aparece pessoas de fora. Domingo mesmo, cedo, eu tava no bar do colega, onde vi uma porta aberta, eu mais uma sobrinha minha, aí nós ficamos olhando, ela disse: “-Tio Jonas a porta do bar do Junior tá arrombada”. Eu encostei, reparei tinha uma caixa amplificadora bem assim, garrafas de cachaça... ligamos para o proprietário e para polícia, aí quando o Júnior, proprietário, chegou, o carro da policia tinha acabado de descer, e o homem suspeito acabado de entrar no ônibus. O caboco não levou o roubo porque a gente tava lá. Pedra do Sal, tem crescido muito, mais de 300 casas, o que acontece na Pedra do Sal é um Deus nos acuda, a gente chega ali na estrada à noite, chega outro, pega a gente, tira a roupa, tira o relógio que a gente leva e ainda olha, bate, taca no lombo, e ainda a gente dá graças a Deus por ele deixar a gente vivo, pra contar história, né? E faz que nem o caboco, tem muita história pra contar, mas se a gente for contar tudinho, vocês não vão sair da Pedra do Sal hoje.

Histórias de assombração

Tremor e calafrio passaram a aumentar e tomaram conta de mim quando entrei em contato com as histórias de assombração contadas pelo povo da Pedra do Sal. Escutei muitas histórias da boca dos moradores e moradoras, histórias de

arrepiar. Eles haviam me contado algumas, que já relatei para vocês, mas como a história do Buraco do Djalma; as histórias de lobisomens; a história da Mãe d'água; da menininha que caiu no poço; da procissão de mulheres na beira do mar; a história do sopro no ouvido; a visagem do galo que canta tarde da noite e tantas outras, que não consegui registrar, me deixaram todo arrepiado. Uiiiiiii....

O Buraco do Djalma

Essa história que, segundo alguns moradores, deu-se pelos idos dos anos 50, começa com a contação de Pescada. Ele diz: Na verdade, eu era garoto muito novo quando existia esse cidadão chamado Djalma e também o Valdinar Serejo. Naquele tempo a praia era livre, só tinha o farol e a casa dos padres que, inclusive, fazia o contato com outros padres. Eles, Djalma e Valdinar, vieram para a Pedra do Sal, compraram uma casa em cima da pedra.

Por dentro da casa abriram um buraco, escoraram a pedra com uns ferros e daí começaram a trabalhar. Trabalhavam com três rapazes daqui: Clovis, Quinha e Raimundo Mela, para fazer um trabalho de escavação. Mas, essas pessoas daqui não descobriram se foi tirada alguma coisa daquele local, porque os donos sempre estavam olhando para um livro.

Quando descobriam alguma coisa despachavam os trabalhadores e ficavam sozinhos. E acredita-se que encontraram o que procuravam, que seria a botija, pois foram embora, abandonaram a casa que ficou para dona Elisa e seu Rufino, uma velhinha que acabou de morrer a

poucos dias. Depois de muitos anos, Alberto Silva mandou cavar novamente, para tirar água doce, boa e purificada.

Como Djalma e seus ajudantes descobriram que ali, naquele buraco, tinha uma botija? É o Sr. Pescada que continua contando: Comentavam que tinham sido três padres que deram uma botija pra ele e que a localização dela estava escrita no livro. Diz a história que esses padres ficavam em cima da pedra, e, quando avistavam as pessoas, desapareciam, pois moravam dentro da caverna camuflada. Acredita-se que eles eram jesuítas.

Sr. Ló, um dos participantes da operação, que na época tinha 18 anos de idade e hoje tem 60 anos, deu-me mais detalhes sobre a história do Buraco do Djalma. Ele conta: Os padres jesuítas da época raptaram o ouro de Portugal e trouxeram um barco cheio de ouro para Pedra do Sal. Mas, eles sabiam que a fé católica viria atrás deles. Então, enterraram o ouro no pé da pedra, com um palmo de fundura.

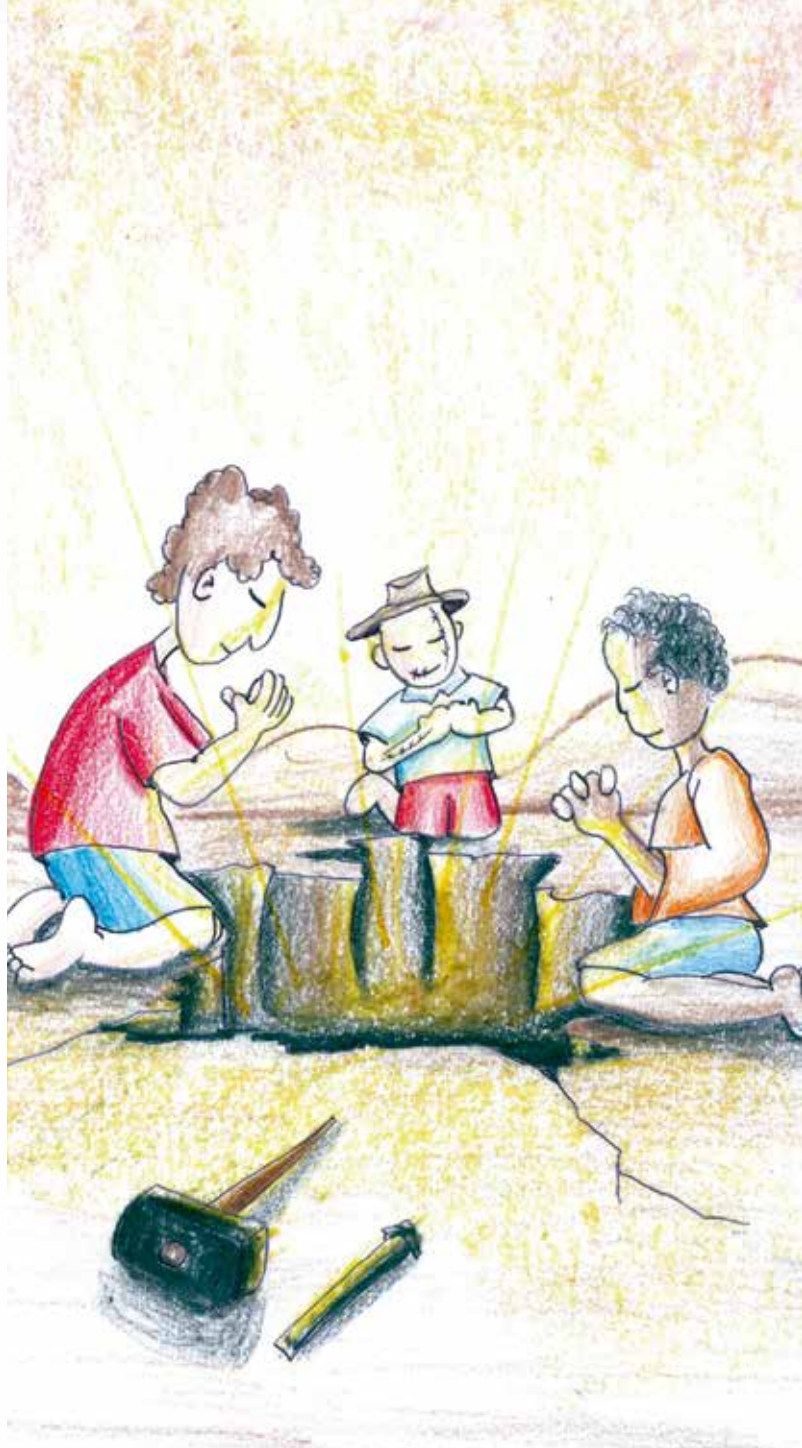
Depois, voltaram para Portugal, mas tinham um pensamento de retornar para pegar o ouro, o que não deu certo, pois eles ficaram presos; alguns morreram na cadeia e outros, quando saíram, não puderam mais voltar. O resultado é que o ouro encantou-se. Não se sabe ao certo como, mas os padres andaram, reviram e deram o ouro para o velho Djalma, tio do Valdemar Rodrigues, que mora em Fortaleza, no Ceará. Muita gente na Pedra do Sal o conheceu, na época morava em Parnaíba, aqui no Piauí.

Mas, como Clovis explica o encantamento do ouro? Como foi sua participação nesta operação? Ele mesmo responde, continuando a história:

Quando o Djalma e seu companheiro vieram para cavar o buraco, o ouro já estava encantado. Fui convidado por eles para ajudar nesse trabalho. Na época, quando eles chegaram, o buraco já estava feito, pois tinham vindo uns americanos que nada encontraram, porque não receberam nenhuma informação dos padres sobre a localização do buraco. Começamos a trabalhar no buraco, trabalhamos, trabalhamos. Para isso, era utilizado um maçarico que, para funcionar, era preciso colocar três litros de querosene. Para chegar ao local a ser perfurado, amarrávamos um arame no maçarico, que ajudava a apertar a tampa e facilitava a descida. Para quebrar a pedra, eu tinha uma vara de ferro de dois metros, onde a gente colocava o maçarico perto da pedra, que ficava vermelhinha, e derrubava a pedra dentro da água. O buraco do velho Djalma tem duas bocas e tem o subterrâneo de lado do buraco. Assim como uma casa, a gente anda, é alta lá em cima. O mais interessante dentro do buraco era que não importava a hora lá fora, pois sempre era muito escuro. Para entrar dentro dele, era necessário ter sempre uma lanterna.

O que Djalma encontrava dentro do buraco? É Clovis que responde a minha pergunta, retomando a palavra: “Só o que encontrava no local era pedra quebrada, que ele mandava levar para cima. Mas, tinha vez que chegava lá, não via pedra, e eu ficava a me perguntar: para onde diabos que essa pedra foi? Era pedra, tinha muita naquela época”.

À noite baixava um avião que levava toda a pedra quebrada. Ao conversar com meu compadre Zé Alcino, gerente do Banco do Brasil, ele



me perguntou como eram as pedras tiradas do buraco. Disse que elas ficavam vermelhinhas, da cor de ferro quando colocadas para esquentar. Ele disse: pois essa pedra, não era pedra comum, é ouro, porque a pedra comum você queima e ela fica cinzenta.

Clovis, ao saber que a pedra era ouro, lamenta com certa tristeza: “-Então, era ouro que o homem tava tirando; eu peguei tanto ouro e não fiquei com nenhuma pedra! Na época, eu pensei: para que eu ia querer pedra, né!”

Muitas pessoas da Pedra do Sal diziam que os exploradores do buraco não falavam a língua portuguesa. Clovis afirma com segurança: “-Isso é mentira, pois os jesuítas e o velho Djalma tinham um livro que liam e depois conversavam entre eles”.

Clovis conta ainda que certo dia Djalma e seus ajudantes o chamaram para avisar que iriam soltar uma dinamite dentro do buraco. Continua ele: o Valdemar disse assim: tu é doido Djalma, vai explodir a Pedra do Sal! Djalma disse para mim: vai cavar um buraco lá embaixo de 10 cm na pedra. Para isso, me deu uma marreta de cinco quilos para fazer o buraco. E eles foram na cidade comprar a pólvora, o fio, o estopim e foi montado tudo. O Valdemar pediu que fosse avisado a todos os moradores que aconteceria um grande barulho na Pedra do Sal, porque iriam explodir as pedras. O papoco, porém, foi pequeno, pois lá embaixo não tinha nada despedaçado, não arrebentou nada.

A minha curiosidade era aguçada cada vez mais para saber como aquela história iria acabar. É Jonas que desnuda o fato contando: Durante o dia entrava no buraco e não encontrava nenhuma

jia, mas quando trabalhava à noite, que focava a lanterna, eram tantas jias de mais de quilo. Não se sabe de onde vinham essas jias, pois lá tudo era pedra. É coisa de encanto! Djalma sempre avisava que ia aparecer umas coisas esquisitas dentro do buraco, mas que não era para eu ter medo.

O encanto do buraco não tinha a ver apenas com as jias que apareciam. Outras coisas foram mencionadas por Clovis. Ele conta: Na primeira vez estava eu dormindo numa pedra lisinha, quando coloquei o motor para puxar água. Fechei os olhos, quando a maré chegou, deu um assobio nos meus ouvidos. Rapaz, saí feito um cão correndo! O que foi rapaz, gritou Djalma. Alguém me deu um assobio nos meus ouvidos! Eu já lhe disse que é pra você não ter medo do monstro, chamou minha atenção o Djalma. Outra vez, foi a areia molhada que jogaram em cima de mim. E lá não tinha areia molhada, só tinha pedra.

Além de Clovis, Chico Biô e mais três mulheres também trabalharam com Djalma: Francisca Biô; sua irmã, Maria Bernadinho e Nazaré, que mora em Brasília. É o próprio Chico Biô que relata sua participação: O meu trabalho era colocar vento lá embaixo, no buraco, pois a passagem era estreita, tinha que ir de quatro pés, com lâmpada acesa para não errar o caminho, pois se errasse não tinha volta. Os que mandavam escavar o buraco era o Davi, o Fernando e o Chico Dente de Ouro (que morreu queimado lá, na última operação). Parece que encontraram alguma coisa, pois o velho expulsou os outros e só ficou ele e o Djalma, que abriram a boca do buraco um pouco mais para frente, atravessaram uma distância e fizeram um buraco para cima. Numa pedra

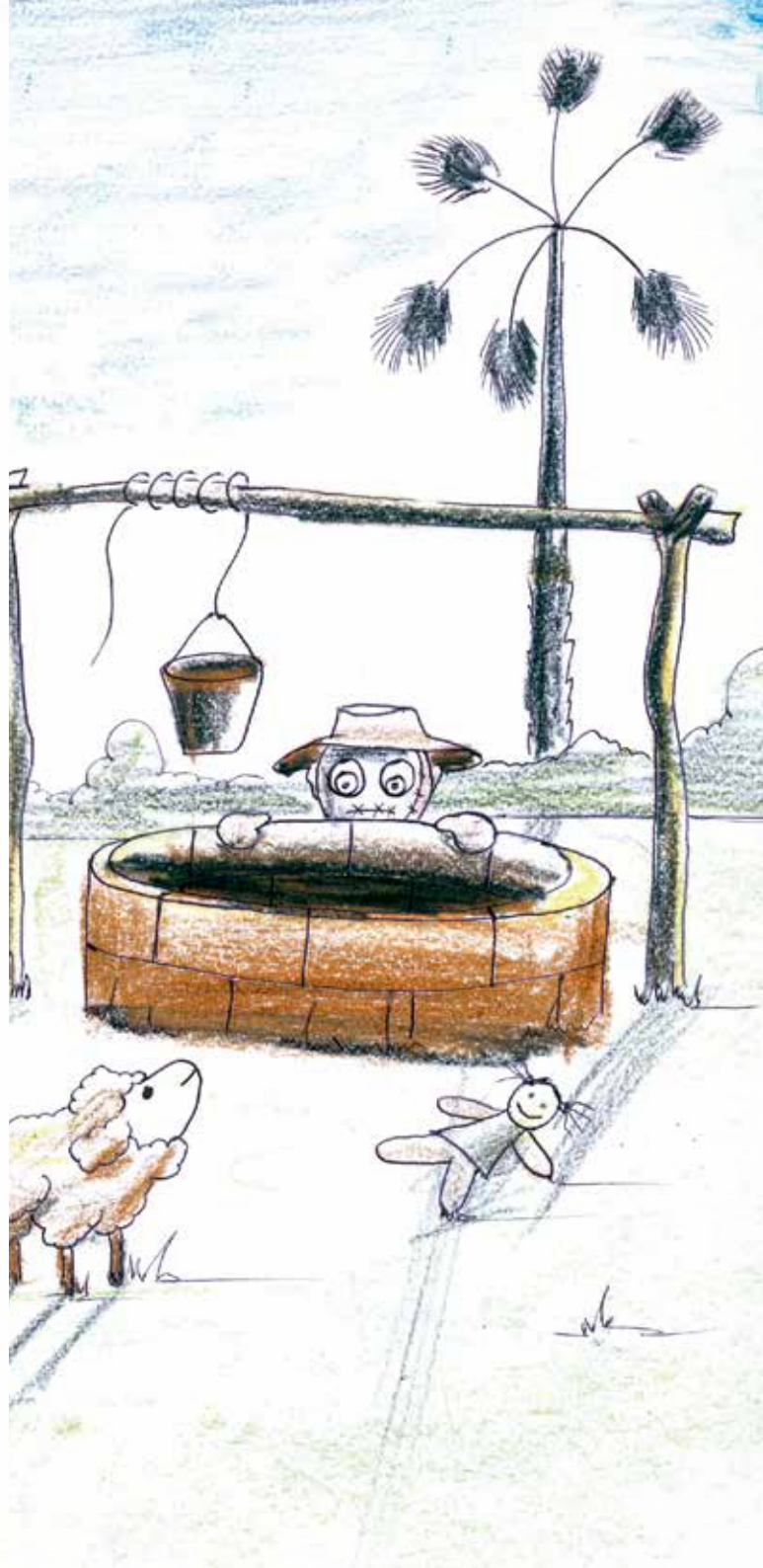
grande, eles colocavam um plástico para pegar o vento. Não se sabe como aconteceu, mas quando ele estava queimando a pedra com o maçarico, este explodiu. A partir daí eles foram embora, pois tudo ficou enterrado. Mas, dizem que eles arrancaram um negócio de lá, eu não vi porque ele não deixava eu entrar lá. Tinha noite que ele despachava todo mundo e ficava só com esse camarada Dente de Ouro, o que morreu lá queimado no maçarico. Essas coisas têm a ver com o encanto que envolve o buraco do Djalma.

Chico Biô conta ainda que ficava trabalhando no buraco até as onze horas da noite, mas tinha dia que o Djalma mandava o pessoal ir embora cedo e só ficava ele e o Chico Dente de Ouro. Certo dia, relata Chico Biô, quando conheceu a casa de Djalma, observou que no canto do quarto dele havia um monte de pedra grande quadrada, de qualidade de carboreto.

É por isso que até hoje o povo conta que, debaixo da pedra gigante que existe na Pedra do Sal, muita gente já viu fantasma e que, às vezes, na maré seca, aparece fogo em baixo dela. Contam ainda que o Djalma ainda é vivo e mora em Fortaleza, no Ceará.

A menina que caiu no poço

Conta uma senhora chamada Ana¹⁴, que foi diretora da escola da Pedra do Sal, que sentiu muito medo ao vir trabalhar nesse lugar. Diz ela: era noite, umas sete horas, as professoras estavam na sala de aula e eu fiquei no pátio. Quando uma criança entrou na escola, com uma saia de tecido tergal e uma blusa antiga. Era uma



criança loirinha que foi até a secretária, a sala da professora Sonia e depois saiu da escola.

O motorista do transporte que trazia os professores também viu a menina sair e resolveu segui-la para saber para onde ela iria sozinha naquele horário. Ela caminhou em direção à caixa d'água. Estava escuro e ela sumiu. Ele ficou arrepiado de medo com o que viu. Eu perguntei para Mercedes, secretária da escola, e para algumas moradoras do local, sobre essa menina. Pelas características que descrevi, disseram que essa menina é filha de uma senhora que estudava com a professora Sonia. Há muitos anos, um dia a menina caiu dentro do poço e morreu. Como não era batizada, ela ficava aparecendo na escola.

Sr. Pescada conta que ganhou a menina por três vezes para criar. Ele me explica: Quando recebi a menina pela primeira vez ela estava doente. Cuidamos dela, quando ficou boa a mãe se arrependeu e pegou a menina de volta. Quando adoeceu novamente, cuidamos dela e depois aconteceu como da primeira vez. A terceira vez que ela deu pra gente, tinha certeza que ela iria tomar a menina de novo. Mesmo assim, ficamos com a garota. Toda vez que eu sentava na mesa, ela sentava para comer comigo.

Sr. Pescada, esposo de Dona Zelia, conta que sua esposa tinha que ir para Parnaíba tirar documentos. Já havia se passado três dias e ela não conseguia resolver. A menina que criavam ficava em casa. Ao sair recomendavam que não era para deixar a menina e o Toniél, este da mesma idade, sozinhos com a Elza, mãe da menina. Assim conta ele: Certo dia fui para o mar e Zélia para Parnaíba. Umás seis horas da tarde, cheguei do

mar, quando soube que algo de muito sério tinha acontecido. “A menina da comadre Elza morreu!” – Clóvis me informou. Eu fiquei espantado, pois quando saí para pescar deixei ela sadia, bonita. E quando retornei para casa, ela estava morta, tinha caído no poço. Depois disso mandei fechar o poço.

O cabrito e o assopro no ouvido

Quem me contou a história do cabrito e do assopro no ouvido foi Sr. Pescada. Ele me contou assim: quando eu era garoto, a casa do meu pai pegou fogo e ele comprou uma do Sr. João Gomes, mas eu não gostava de dormir nela, preferia ir para a casa do meu cunhado. Lá, ele criava uma cabrita, que ficava comendo dentro de casa. Um belo dia, depois de jogar bola, saí do campo já tarde. Na passagem de quem ia para casa do meu tio tinha uma lombada e um vassoural, que ficavam na ponta da lagoa.

Era um local limpo. Vi um vulto que pensei que seria a cabrita. Olhei e falei: olha a Bibita dorme é aqui. Mas, quando eu passei daquele vulto, que entrei no vassoural, que dei as costas para ele, senti um assopro no meu ouvido que eu senti me levantar. E é como o João Batista diz: você não sente o chão nos pés. Pensei em correr, mas sabia que, se corresse, iria me assombrar. Então, resolvi, caminhei ligeiro. Quando fui chegando perto de casa, eu gritei: - Abre essa porta! Meu cunhado mandou o filho dele correr: - Corre e abre a porta que esse camarada vem com medo!

Quando a porta foi aberta, entrei e sentei próximo à mesa e fiquei sem poder falar. Depois

de uns dois minutos, consegui recuperar o fôlego e passei a explicar o que havia acontecido comigo. Expliquei que um camarada assoprou no meu ouvido e me levantou pra cima. Nesse momento, em que falei que haviam soprado no meu ouvido e que me levantado pra cima, no mesmo instante, ouvimos um assobio na porta que tiniu no meu ouvido. Aí ele olhou pra mim e disse: olha aí quem vinha te seguindo. Depois o assobio passou adiante.

A visagem do galo que canta tarde da noite

Foi Dona Bernadete¹⁵ que me contou essa história. Ele conta assim: uma vez, meu tio contou que, quando vinha das Imburanas para ir ao mar, passou pelo Morro dos Urubus e viu um galo cantando. Quando chegou na praia seus colegas perguntaram porque ele estava chegando tão tarde. Ele disse que não era tarde, pois quando passou no morro o galo ainda estava cantando.

E seus companheiros disseram que, naquele morro, o galo que canta lá era uma visagem. Ele ficou sem acreditar. Quando chegou em casa, contou para sua mãe o ocorrido. E ela também disse: - Filho, o galo que canta tarde da noite no morro é mesmo uma visagem!

O Lobisomem Gritador e a Besta Fera

Várias pessoas, com quem conversei sobre as histórias de assombração, me falaram sobre o Lobisomem gritador ou da Besta Fera que rondavam as terras da Pedra do Sal. São histórias curtas, alguns episódios, passagens de histórias maiores,

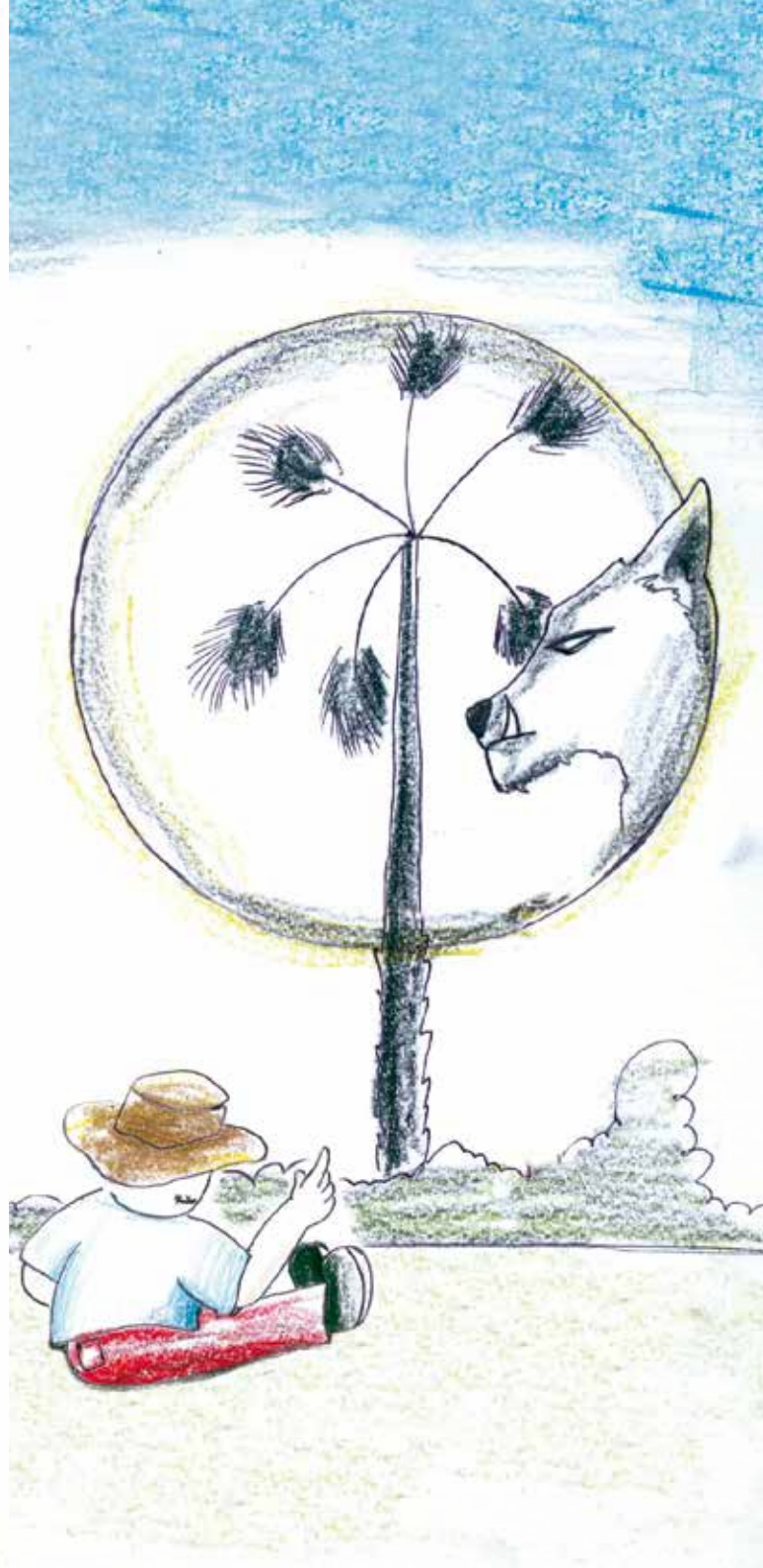


contadas por homens e mulheres dessa praia encantada e cheia de mistérios. Vamos a elas, iniciando por Dona Ana: O gritador que existia na Pedra do Sal era um homem que tinha matado o outro e carregava ele nas costas. Como era pesado, ele passava gritando: - Ai, ai, ai! E todo mundo ficava assustado. Quando era noite de lua cheia, o povo só falava de gritador, o lobisomem. Por isso, ninguém queria sair de casa, e se saísse, era de dois ou três, pois as casas ficavam muito distantes uma das outras. Os caburés avisavam com rasgada de foguete quando a gente passava.

Uma moradora me falou que a mãe de Dona Ana contava que existia uma Besta Fera que corria os quatro cantos da Pedra do Sal, quando era noite. Ela relata: Naquela época morava no lugar chamado Imburana, e todo mundo que ia para lá, ficava com medo dessa Besta Fera, da “Não Se Pode” que crescia, crescia, crescia e caía por cima da gente. Hoje em dia se contar isso pra algum menino ele não acredita, não; mas naquela época, a gente acreditava em tudo que o pai dizia.

Dona Ana esclareceu também que, no Morro do Gemedor, tem um pescador mais velho que contava que saiu para pescar sauna para fazer isca para peixe. “Eles vão sempre cedo da noite para sair na madrugada para pescar. Um pescador saiu pensando que estava no horário certo e era meia noite, quando as coisas de encanto aconteciam.

Quando esse pescador chegou a beira da praia, viu um verdadeiro banquete, tinha de tudo, todo mundo bem vestido como se fosse rei e rainha. Mas, quando ele se virou novamente, não tinha mais nada. Isso foi bem na hora que o galo cantou” – aquele que canta tarde da noite.



Dona Ana, convicta, me afirmou: “As pedras da Pedra do Sal escondem mistérios, é só observar cada uma, que passa a ter formato de rosto ou esconde histórias a revelar”.

Michele¹⁶, filha de Dona Conceição, também conta história de lobisomem:

Certa noite, fui para a lagoa, estava claro, para lavar as louças. Peguei uma bacia de louças. Quando cheguei, vi que tinha uma alma atrás de mim. Olhei novamente, a alma sumiu. Corri, corri e deixei as coisas tudo na beira da lagoa, entrei para dentro da casa. Tive coragem e voltei para pegar as coisas.

Na outra noite, vi um lobisomem saindo da casa do vizinho, eram umas doze horas da noite. Pensei que era uma pessoa que estava deitada. Quando vou para perto verificar, o bicho se levanta. Não fiquei com medo não, fiquei em pé. Demorou um pouquinho, o bicho ficou em pé esperando, que, quando eu comecei a caminhar, o bicho saiu na minha direção.

Além de Michele, seu Chico Biô também fala que, em sua vida, já viu dois lobisomens, um na Pedra do Sal, no lugar chamado Pesqueira, e outro no Morro da Mariana. Ele conta:

Um dia fui buscar uma canoa que tinha vindo de Tutóia, estado do Maranhão. Dormi na casa de um parente até o horário, quando a lua saísse para ir a Ilha das Canárias, também no Maranhão. Fomos alertados para não ficar no cercado, porque toda noite passa uma cachorrada. Dizem que é um lobisomem.

A lua saiu uma hora e veio a cachorrada na minha direção. Gritei, chamei os companheiros e peguei um varão da canoa. Convidei os compa-

nheiros para pegar o bicho. Era um beco estreito, os outros ficaram embrulhados na vela da canoa, se encolheram. Quando de repente veio um feixe de cachorro na frente, outros de lado e outros atrás dele. Este era um cachorro preto, do queixo branco, que gritava e os outros cachorros corriam para cima dele.

Da outra vez que eu encontrei o lobisomem estava bêbedo com um companheiro. Quando nos organizamos para ir embora, porque no outro dia a gente ia ao mar para pescaria de camurupim, o cachorro avançou pra cima de mim e eu estava armado de faca para pegar ele. Mas ninguém pega aquele desgraçado, não, dizia o pessoal antigo! Só se enrolar a mão no pano, pois dizem que isso aqui das unhas da gente nos olhos dele é uma luz e eu lutei. Nesse instante, lembrei da palavra que minha avó dizia: “- Para afastar o lobisomem basta acertar o nome do camarada que ele vai embora”. Foi só chamar o nome dele para que ele descesse pista a baixo.

Quando cheguei na volta da escola, foi aí que o medo cresceu. Subi no monte de palha, perto da pesqueira, entrei e só apareci novamente quando o pessoal chegou para o mar bem cedo. Eles faziam barulho e perguntaram o que eu estava fazendo ali. O camarada que se transformava morreu mal comigo.

Dona Teresa também se lembrou de uma passagem contada pela sua tia Josefa:

Minha tia Josefa, contou uma história de lobisomem, que começou a subir perto do Morro do Urubu. À meia noite, ele aparecia e todo mundo que tinha cachorras em casa, quando elas pariam, tinham que esconder porque, se deixassem, o lobi-

somem comia os cachorrinhos. Se era verdade eu não sei, eu só sei que muitas cachorrinhas ficaram sem as suas crias e a gente ficava assombrada com essas histórias que assustavam os cachorros e as pessoas.

Ela falou também de outro episódio que ouvira:

Quando todo mundo ia se deitar na Pedra do Sal, umas horas da noite, se ouvia um grito no meio do mundo. Meus pais diziam que aquilo era o Gritador lá nos baixões, mas ninguém nunca viu. Depois que cheguei aqui nessa casa em Pedra do Sal, passou umas poucas vezes aqui nessa rua o Assobiador, que era como se fosse uma pessoa assobiando, aquele assobio cumprido como se viesse assim cansado.

As mães sempre aproveitavam para dizer aos filhos pequenos que calassem a boca, pois o Assobiador estava passando. Quando ele passava, podia existir o cachorro mais valente, mas não latia com ele. Todos já sabiam que era uma coisa de outro mundo. Certo dia, meu compadre foi soltar os animais dentro das baixas, nesse tempo não tinham muitas casas, ele se levantava cedo e ia buscar os animais.

Quando, numa noite, ele acordou cedo da madrugada e resolveu ir em busca dos animais. Mas sua mulher alertou: “- Rapaz, está muito cedo, não vá agora”. Ele nem ouviu e saiu, não tinha luz, não tinha nada, ele tinha uma lanterna grande.

Quando chegou em cima de um morro, olhou de longe e viu um vulto, era um jumento. Mas, quando chegou mais perto, ele focou a lâmpada, eram dois homens, um homem com o outro nas costas. O Gritador aqui é aquele homem com o ou-

tro nas costas, que anda gritando nesses baixões. Dizem que o Gritador é um criminoso que, quando mata o outro, anda no mundo assim carregando o outro que matou nas costas, gritando cansado. Depois dessa história, todo mundo ficou com medo na Pedra do Sal, ninguém sai mais tarde para nenhum lugar.

Seu Garajau fala de uma história de lobisomem que sua mãe lhe contou:

Uma vez, a minha mãe contou a história de um camarada que vinha do Morro da Mariana para Pedra do Sal. Ele vinha de cavalo de lá pra cá. Antes de chegar no Tanque do Menino, que é uma lagoa que tem no caminho, ouviu o grito do Gritador. E ele respondeu: “-Aparece velho! Ele já vinha com uma na cabeça. Mais à frente o Gritador tornou gritar e ele respondeu novamente: “-Vem pra cá!

Quando foi a terceira vez que o lobisomem gritou ele tornou a responder bem perto, quando se deu conta sentiu o cavalo caindo. Com o peso na garupa, ele se valeu de Deus, mas caiu no chão. A voz disse para ele: “- Isso é pra tu nunca mais, quando ouvir um Gritador, nunca mais responder!

Seu Ló, outro morador da Pedra Sal, também tem história sobre lobisomem para contar: Um amigo chamado Antônio Severo, que foi morar no Cal, tinha uma cachorra e o lobisomem veio comer ela, pois ele gostava de cachorros novos. Duas horas da madrugada, ele apareceu e levou metade e, no outro dia, apareceu novamente para pegar o restante. Esse meu amigo ficou com espingarda esperando.

Quando ele ouviu o barulho da cachorra, correu e viu um vulto como se fosse um jumento novo

todo coberto de cabelo. Nem pensou duas vezes, quando ouviu o pulo, ele atirou: pá!

No outro dia ele soube que um companheiro que morava lá no Cal, tinha sido atingido na perna. Esse companheiro dizia que tinha sido ferido na roça ao passar numa cerca de arame, arame esse que pegou em sua perna.

Quando encontrei com ele perguntei: “- Rapaz, o que foi isso? Ele disse que foi um arame de cerca. Mas, o caroço de bala, estava perfeito nesse camarada. Assim, descobri quem era o tal lobisomem.

Depois disso, ele nunca mais falou comigo. Fiquei acreditando que esse tal cristão era realmente o lobisomem. Por isso, eu digo que tinha esse tal lobisomem, mas, se tinha, hoje não tem mais, porque se aparecer um lobisomem ele vai comido (conta Ló gargalhando abertamente). Se o pessoal pegar ele, vai direto pra panela, não escapole nada!

A descida da Lagoa

Sobre esse episódio, conta Dona Conceição¹⁷: quando fui para Parnaíba com meu pai, pelo caminho tinha uma descida. Assim, no inverno, tinha uma lagoa muito grande. Ele disse assim: “- Minha filha, olhe aqui, nessa lagoa, neste alto aqui, morou muita gente antiga, esses antigos tinham assombração. Eles deixavam as coisas pra assombrar as pessoas que vinham fora de hora”. E nós saindo muito cedo, umas duas da madrugada.

Quando chegou na descida, o papai viu uma pessoa, mas eu não cheguei a ver na primeira vez. Ele disse: “-Minha filha, caminha rápido,

tu está caminhando lerda demais!” Assim que ele me contou fiquei assombrada, corri e agarrei na mão dele. Ele disse: “- Minha filha, você está vendo aquela pessoa? Pai, não estou vendo não, respondi para ele. “A pessoa vai atravessando a água, mas não se molha. Aquela pessoa que está passando é um amigo meu que já morreu e agora está fazendo assombração para mim.

No Antônio Bem Vindo, lá na cabeceira do alto grande, que tem aquele morro do Labino, passamos por lá. Aí nós ouvimos um gemido feio. Perguntei a meu pai que gemido era esse. Ele disse que era assombração. Disse: “- Tão cedo não quero mais vir para esse lugar!” Mas meu pai respondeu logo que eu era a única companhia para ele.





Questões para conversar:

1. Pense sobre a relação entre trabalho e natureza ontem e hoje. Reflita sobre as formas de interação entre o homem, grupo e a natureza

SUGESTÃO:

Há várias passagens sobre a história e as memórias da Pedra do Sal em que os pescadores e pescadoras falam de assombrações e fatos que envolvem o fogo na beira do mar, crianças e monstros. As assombrações provocavam medo e ameaças aos moradores da Pedra do Sal.

1. Sobre as histórias de assombração, qual a que lhe chamou mais atenção? Por que?

2. Quais os tipos de medos que identificamos nessas histórias? Como os pescadores ou moradores enfrentaram as assombrações e esses medos?

3. Quais as assombrações, os medos e as ameaças de hoje na comunidade? Como costumamos enfrentar esses medos e essas ameaças?





Ritos dos moradores da Pedra do Sal: importância e significado

Quando os contadores e contadoras das histórias da Pedra do Sal começaram a falar sobre as festas, festejos e demais encontros, pude perceber o significado afetivo desses ritos na memória deles. Ao se falar nos “Cassimiros”, era tamanha a satisfação que dava gosto de ouvir, mas tenho certeza que eu, Cassimiro Pedral, também vou encantar a todos que com essas histórias se familiarizarão.

Há também de contar aqui sobre o Bumba-meu-boi; a Roda do Coco; o Reisado; as festas de tocadores; as quadrilhas e outras danças; os esportes e festejos, que estão nas narrativas desse povo.

Depois de ver seus olhos brilhando de emoção ao falarem sobre esses acontecimentos, começarei o relato com as narrativas dos “Cassimiros”.

Cassimiros e suas faces

As histórias dos “Cassimiros” narram que eles são daqui, de lá, que foi, mas que virá. Início então as histórias do teatro de bonecos com a contador Ló, que diz: Tinha o “Cassimiro Coco”, “Cassimiro São Caetano” o “Cassimiro Ceci”, rapaz é Cassimiro de todo jeito. Na Pedra do Sal, como

em todo o litoral do Piauí, acontecia nas casas uma apresentação com bonecos que se chamava Cassimiro Coco. Era um meio de vida que um camarada inventou para ganhar algum dinheiro. Ele botava um pano na frente da gente e ficava na sala, por traz desse tecido, onde o boneco dançava e cantava. Era o maior divertimento que acontecia aqui no final de semana. E também tinham violeiros que cantavam para gente.

Para o Seu Fernando “o Cassimiro era um teatro com bonecos que eles levavam para as casas como diversão que o pessoal tinha, e lá saiam convidando: -Hoje tem Cassimiro na casa de fulano de tal...! E ai saiam convidando... que quando eu cheguei só alcancei só o bumba-meu-boi.

Um outro contador, narra como era dramatizado o Cassimiro Coco: Ele dizia sou o Cassimiro Coco, nasci na serra do toco surucucu comalacai, ai palavra do Cassimiro, “Sou o Cassimiro Coco nasci na serra do toco surucucu comalacai não tem quem me atrapalhe”. Quando chegava um aculá, “é rapaz eu vim do sertão gosto de fazer confusão e é na casa do pão”. Ai ele fazia a embolada dele toda e, quero vê quem é que domina este salão... Ai o Cassimiro: “Olha ai pãozim, essa peste não vale nada! Eu sou do sertão gosto de fazer confusão e,

eu gosto de bater em cabra safado é de facão”. Rapaz, ai por diante o pau começa, ai um dizia uma coisa outro dizia outra coisa, ai se emendavam, ficava um pra lá outro pra cá, ai caboco puxava uma faca que ele tinha lá dentro, ai ele se abaixa ali pegava a faca, ai dava pro outro...

Mas quem trouxe mesmo o Cassimiro Coco para a Pedra do Sal? Quem conta é Dona Teresa: Eu via o Seu Zé do Gás, como era conhecido, quando vinha pra cá. Ele trazia os bonequinhos. Na casa da minha tia ele colocava, armava lá, tinha os espetáculos de noite. Papai levava a gente para assistir esses teatros de bonecos dos Cassimiros, do Seu Zé do Gás muito famoso, até hoje a gente comenta por aqui dos Cassimiros do Zé do Gás, às vezes apareciam outros, mas não era tão interessante como o do Zé do Gás.

E como as pessoas se comportavam diante desse teatro? Dona Teresa continua sua prosa respondendo a pergunta feita: “Cassimiro Coco era uma coisa que era só pra gente sorrir e menino chorar, menino gritava com medo e eu só faltava morrer de sorrir daquela coisa, era a única brincadeira que existia aqui na Pedra do Sal, que vinha gente de fora, era o Cassimiro coco, o homem que via.

Dança do Drama

E quem disse que as atrações realizadas na Pedra do Sal vinham só de fora? Quando ouvi a história da Dança do Drama, vi a beleza dos espetáculos feitos por eles. Quem conta é Dona Ana: A gente tinha a Dança do Drama, aquelas senhoras mais antigas, as minhas tias, colocavam a gente

para dançar o drama. Naquela época não tinha radiola, o que se usava era só o pessoal batendo no pandeiro, tocando um violão e dançando. E o drama ensaiava aquelas músicas igual como se fosse uma bailarina, descia até o chão, se remexia... fazia uma empanada de cortina e a roupa a gente fazia de papel crepom, fazia uma saia toda peguilhada e botava um cós todo de tecido.

Dona Teresa também narra sobre a história dos Dramas, veja: Quando era menina, naquele tempo não falava de teatro, mas de drama. A gente ensaiava aqueles dramas uns três meses. Ajudava a fazer as roupas de papel, escolhia uma casa e todo mundo participava para fazer o palco de empanados que chamam pra abrir na hora. Era uma diversão no lugar, todo mundo se preparava naquela noite pra assistir o drama, inclusive eu participava, dançava, apresentava, cantava.

Dança do Coco

Ao lado da narrativa da Dança do Drama, Seu Garajau também enfatiza a importância de outra dança, a Dança do Coco. Por isso, é ele quem conta: Dança do coco é uma dança especial que gostava de dançar, ela fazia parte do pessoal mais idoso. Os jovens nunca gostaram de dançar, só tinha um jovem, que não tinha vergonha e gostava de dançar que se chamava de José Maria, o Garajau. Para essa dança acontecer batiam os cocos com o tambor e um com o maracá, eram três pessoas: um dizia repente pro outro, ai todo mundo olhando, uns diziam repente e entregava pro outro o outro respondia e assim iam até o dia amanhecer. Quando encontravam um amigo, iam

louvar o amigo, cada qual queria dizer o melhor repente pro amigo. Assim continuava a batida e todo mundo dançava. Começava com um tirando o outro, batendo palmas e chegava pertinho dele, ai o outro ficava logo no ponto, quando ele entrava e outro já saía e assim ia até a hora da cachaça, ai cantavam.

Lazer, festas e devoção

Também vi nas histórias do povo da Pedra do Sal que os eventos realizados são cercados de devoção aos santos: Santo Antônio, Santa Luzia e São Pedro, que é o mesmo Bom Jesus dos Navegantes, e o principal, segundo seus relatos. Ao lado deles, ganham forma o lazer e as festas de conjunto, quem lembra é Dona Rosa do Bar¹⁸: Era muito legal, a gente quando tinha treze, quatorze anos, tinha umas festas na casa do Seu Pão, da Dona Maria Barreira... eles contratam um conjunto todo mês de julho e fazia aquelas festas e reunia o pessoal do povoado do Labino, Morro da Mariana, e era muito bonito.

Os meninos gostavam muito de tomar banho na praia, de brincar do pega, da bandeira, de peteca. Próximo ao colégio, quando a maré enchia, ficava aquele rio e a Dona Maria Barreira colocava uma canoa para gente atravessar para o outro lado, ai a gente na infância passava todinho andado nesta canoa pra cima e pra baixo.

A Lagoa do Valete era atração principal, a Lagoa Azul, que pegava peixe, aqueles peixes da água doce. Nos meses de julho e agosto a gente ia pro mar, as vezes tinha uma procissão de Bom Jesus dos Navegantes que acontecia no segundo

domingo de julho, muito bonita. O pessoal reunia suas embarcações e o pessoal iam pra dentro do mar com Bom Jesus dos Navegantes na procissão. A principal atração era pegar caju, guaguiru, murici, que diminuía mais devido à seca.

Mas as festas não acabavam com a procissão de Bom Jesus dos Navegantes. Na verdade, elas começavam antes com o Reisado e o Bumba-meu-boi. Dona Teresa conta que existia também o Boi de Reis, em suas palavras: Na Vazantinha tinha um Boi de Reis, lá os homens eram vestidos com umas roupas velhas, uns com a cara coberta com papelão e um couro que eu não sei de que era, tinha um cabeça de fogo que botava uma roda na cabeça uma lamparina e amarrava dentro que se chamava cabeça de fogo. O folharal pegava um bucado de folha de banana arroteava para sair no meio do terreiro brincado para fazer os meninos achar graça e correr com medo.

Mas sobre o Reisado em si, conta ainda Dona Teresa: Em Pedra do Sal, às vezes avisam que vinha o Reisado muitas noites, um bocado de rapaz, moça fantasiados, bem vestidos com roupa bonita, com violão, cavaquinho, pandeiro... vinham pra tocar nas casas, a gente já estava deitado quando eles chegavam, ai eles cantavam aquelas cantigas e saíam, ai juntava os moradores dois, três, quatro e saíam juntos com eles nas casinhas que existiam.

Numa casa aqui e outra acolá, nos cajueiros, nos matos, era a última casa que tinha aqui, lá pra casa do Mundico Coringa, eles sabiam quem eram os moradores que existiam, o nome, as casas das pessoas que eles vinham fazer aquela visita, ali todo mundo estava preparado com seu trocadinho

pra dar pra eles por aquela brincadeira, porque a gente já sabia que eles vinham e eles queriam aquele trocadinho... todo mundo dava o que era possível, mas aqui na Pedra do Sal nunca teve essa brincadeira só recebia era visita deles.

Seu Fernando explica que existia o bumba-meu-boi e as quadrilhas, no final do mês de junho, para acompanhar o Festejo de Bom Jesus, realizado no mês de julho. E que após a procissão do Bom Jesus dos Navegantes, tinham as festas de agosto. Quem conta é Seu Chico Biô : Todo mês de agosto tinha uma festa para o pessoal que vinham tomar banho na praia, feita por Matias Coringa.

Naquele tempo a gente dançava a noite toda com uma morena, mas era segura na cintura, a festa começava sete horas da noite, você pagava a conta e quando era doze horas tinha o intervalo e parava. Essa era a hora dos quebrados que não queriam pagar ou não tinha dinheiro. Quando eram quatro horas da manhã o pessoal ainda estava gostando ia até cinco horas.

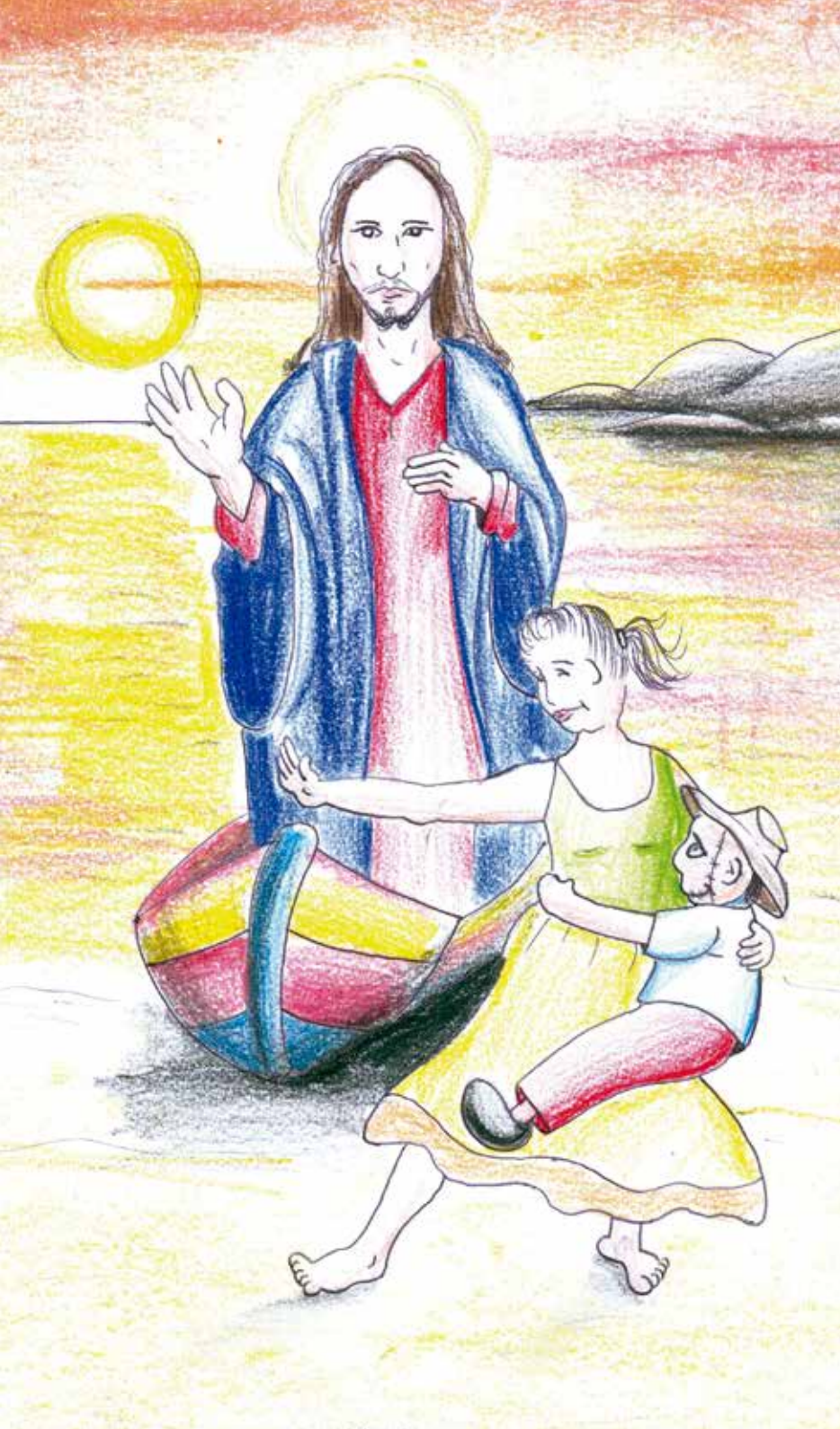
Seu Jonas lembra que “era um movimento bom, no mês de agosto, pois tinha banhos na praia onde vinham o pessoal de Parnaíba, dos Morros da Mariana, do Cal. Vinham caminhando, onde era realizado festa e jogo”.

Sobre a prática de futebol na Pedra do Sal, conta Garajau : Em Pedra do Sal tinha dois times de futebol: um se chamava vassoura e o outro lote. Era considerado o melhor jogador. Quando comecei a jogar o futebol, por vontade minha, não foi para nenhuma escola, joguei nas onze posições.

Outro esporte que foi tomando de conta da Pedra do Sal foi o Surf, como conta o surfista

Quadrado¹⁹ : Comecei a frequentar a Praia de Pedra do Sal, por causa do Surf. Aqui nesse lugar as pessoas são boas, humilde, alegre. Em 1999 tivemos aqui ondas de até três metros de altura, lindas e perfeitas. As pessoas comentam que o Surf é para vagabundo, maconheiro. Isso não é verdade, pois temos surfista advogado, médico, dentista... o Surf é um esporte radical é preciso ter coragem e atitude para praticá-lo. Ele é uma terapia.





Questões para conversar:

SUGESTÃO:

Nessa parte das estórias sobre a Pedra do Sal conhecemos alguns ritos, festas e brincadeiras que existiam na Pedra do Sal. Eram formas de o povo expressar seus saberes, sua cultura e suas maneiras de se divertir.

1. Que papel esses ritos, festas (bumba-meu-boi, quadrilha, roda do coco, Reisado, viola), brincadeiras cumpriam na vida da comunidade?
 2. Quais os ritos, as festas e brincadeiras de hoje em dia?
 3. Como é a participação do povo: é forte ou fraca? Por que?
 4. É verdade que a cultura popular está desaparecendo? Por que?
 5. O que podemos fazer para resgatar e desenvolver a cultura popular?
-



Histórias sobre encanto da vida no mar

São muitas as histórias sobre encanto, ligadas à vida do mar e à vida na comunidade da Pedra do Sal. São pequenas histórias, também reveladoras das memórias, do imaginário, dos medos, relatos sobre fatos e acontecimentos extraordinários. Todos eles indicadores de que a vida na praia é carregada de dimensões que se situam não apenas no plano do real, do concreto, daquilo que se vê e se toca; são fatos e situações que apontam para a compreensão de que vida na praia, a vida de pescador, não é apenas pacata e marcada pela rotina das marés. Ela é farta de histórias, situações e múltiplas experiências que ensinam que a vida tem muitos mistérios, os quais pouca gente tem o privilégio de desvendá-los, explicá-los e, na maioria das vezes, apenas senti-los. Segue o relato de algumas delas.

Bola de Fogo: o óvni visto por Dona Rosa

Seres estranhos vindo do céu também povoam o imaginário dos moradores da Pedra do Sal. Assim conta Dona Rosa : um dia na Pedra do Sal, por volta de quase uma hora da manhã, tudo ainda escuro, na direção do restaurante da Dona Raimundinha, vi um clarão. O que me chamou a atenção foi que a luz, geralmente neste horário, era de avião que por ali passava, mas essa luz, parecia uma tocha muito grande, como uma bola

de fogo, um azul, lilás, que parou próximo ao restaurante e depois foi subindo, subindo, subindo. O que chamou a atenção foi que, à proporção que subia, era diferente de um avião e, logo depois, sumiu. Quando passou quatro ou cinco meses, após esse acontecimento, a emissora de televisão Meio Norte veio aqui fazer entrevistas sobre esses acontecimentos. Falei sobre o que havia visto. Dias depois, veio um cientista do Rio de Janeiro que pesquisava óvni (objeto não identificado), aí ele começou a falar comigo e ele ia desenhando as características do que eu vi. Aí ele falou para mim que eu tive o privilégio de ver um óvni, eu era privilegiada, entre poucas pessoas que tinha visto isto. Eu tinha uns trintas e cinco anos, se eu não me engano, tenho quarenta e nove hoje. Até hoje, eu guardo essa lembrança na minha cabeça.

O vulto da Lagoa

Dona Conceição fala desse vulto da lagoa: no início da noite, umas seis e meia, peguei as vasilhas do café e fui para lagoa lavar. Quando me abaixei, vi aquele vulto descer da baixa para dentro da lagoa, como se fosse uma pessoa entrando para tomar banho. Fiquei olhando e não via nada, mas entrou na lagoa fez aquele barulho e me arrepiei de medo. Joguei as coisas todas dentro da bacia e corri em direção a minha casa. Ao che-

gar em casa, parece que aquele vulto vinha atrás de mim. Ao contar o que aconteceu para meus filhos, lembramos de um primo do meu marido, que gostava de conversar comigo na lagoa e que nela pescava todas as tardes. Ele havia morrido lá e nosso pensamento foi nesse sentido.

Moças encantadas do mar

Quem se lembra dessa história sobre encanto é Seu Garajau, história essa contada pela sua mãe: minha mãe contou uma história de encanto. Diz que um cunhado dela, uma vez vinha pela praia, quando viu duas moças sentadas numa carnaúba e resolveu se aproximar. Elas se espantaram, correram e caíram na água. Como ele era experiente, conseguiu correr e pegar uma mocinha e a agarrou. A outra caiu na água e desapareceu. Ele ficou com essa moça e a levou para casa. Dizia minha mãe que ela era uma mocinha bonita, eles diziam que era a Mãe d'água. Essa moça ficou um bom tempo na casa dele. Toda vez que ele pescava e quando chegava em casa, ela se oferecia para limpar os peixes. Sempre não deixavam, porque já tinham ouvido conversas que a Mãe d'água, quando come a guelra do peixe, encantava-se. E assim a moça passou um bom tempo em casa, mas um dia, eles não prestaram atenção, ela desapareceu.

O sonho com a botija da beira do mar

Seu Garajau se empolga e emenda a prosa com outro relato. Dessa vez sobre um sonho de seu pai: Meu pai gostava de pescar, saía para Luís Correia nas noites de sauna. Às vezes, pescava no porto da Pedra do Sal. Resolveu tarrafejar, tarrafeou, tarrafeou, tarrafeou coisinha pouca. Então

se deitou nas pedras, adormeceu e sonhou com uma pessoa dando uma botija para ele. A botija se encontrava embaixo de sua cabeça. Como o velho era espoletado, assim que acordou às cinco horinhas da manhã, ele se espantou. Lembrou do sonho e resolveu cavar um buraco no local. Para seu espanto, encontrou uma panela pequena de barro, cheia de carvão. Quando os companheiros de pesca chegaram para ir ao mar, ele apresentou a botija que havia achado. Ele jogou a botija nas pedras, quebrou e foi carvão para todos os lados. Mas, comentam as pessoas, que o ouro sempre vem encantado em forma de carvão, mas depende das pessoas que encontram para tirar o encanto.

Mãe d'água e a procissão das mulheres encantadas

Dona Teresa, como não podia faltar, contou a história da Mãe D'água. Essa história, como ela diz, foi relatada pelo seu avô: Contava o meu avô da Mãe D'água no mar. Ele dizia que existiam muitas. Era uma mulher vestida de branco, com cabelos grandes, que saía lá de dentro da água, e saía andando pela praia. Muitas pessoas viram a Mãe D'água no clarear da lua, depois ela desaparecia, em direção ao mar. A minha tia, uma vez me convidou para pegar siri à noite, pois tinha muito siri. Nós saímos, ela levou uma lata de querosene e eu levei outra. Quando chegamos à lua clara, nós nos separamos: ela foi nas pedras e eu fiquei ali na beira da praia. De repente, ela chega assustada dizendo que viu uma procissão mais bonita do mundo na pedra gigante. Dentro daquelas pedras ia entrando uma procissão, tanta mulher de branco, tudo de vela acesa. A coisa mais bonita do mundo! Aquilo era a Mãe D'água. Pegamos as latas e fomos logo embora.



Questões para conversar:

SUGESTÃO:

Nessa parte das estórias sobre a Pedra do Sal conhecemos alguns ritos, festas e brincadeiras que existiam na Pedra do Sal. Eram formas do povo expressar seus saberes, sua cultura e suas maneiras de se divertir.

1. Que papel esses ritos, festas (bumba-meu-boi, quadrilha, roda do coco, Reisado, viola), brincadeiras cumpriam na vida da comunidade?
 2. Quais os ritos, as festas e brincadeiras de hoje em dia?
 3. Como é a participação do povo: é forte ou fraca? Por que?
 4. É verdade que a cultura popular está desaparecendo? Por que?
 5. O que podemos fazer para resgatar e desenvolver a cultura popular?
-

Anedotas e ensinamentos

Foram poucas, mas o suficiente para fazer a gente dar risada. Estou falando das anedotas que, além de engraçadas, deixam muitos ensinamentos. Em minhas escutas, registrei três, que passo agora a compartilhar:

Anedota do Gilmar²⁰ : o curral construído em cima de uma arraia

Um senhor tirou um empréstimo no banco para fazer um curral. Ele levou todo o material para lá e montou o curral. No dia seguinte, levou mais material e fizeram uma baliza. Depois não conseguiu encontrar o local onde tinha feito seu projeto. De repente, viu um vulto distante e foram para lá. Quando chegaram perto, viram que era o curral. E não é que o cidadão tinha montado o curral em cima de uma arraia!

Anedota de Seu Clovis: a baleia que comeu a rede de pesca

Seu Clóvis foi ao Banco do Nordeste fazer um empréstimo. Lá, fizeram um projeto para comprar umas redes de pesca. Quando chegou a época de pagar o banco, ele disse ao gerente que estava com débito no banco, mas não poderia pagar. E disse o motivo: o tubarão comeu minha rede. O gerente pediu que trouxesse uma testemunha. Ele levou o Seu Pão para contar a veracidade da história. Na frente do auditor do banco, o gerente perguntou para o Seu Pão se era verdade o que Seu Clóvis disse, que o tubarão tinha comido suas redes de pesca. O Seu Pão respondeu: “-É verdade,

o tubarão comeu não só as redes, mas a canoa e a “fateixa”. Só escaparam os homens porque eram bons de nado.

Anedota do Chico Luís²¹: o doutor que não sabia nadar

Um dia, um pescador convidou o doutor para passear no mar. O pescador era o mestre do barco. Aí o doutor disse que ia. Quando chegou no meio do mar, o doutor olhou para o pescador que era mestre e perguntou: “- Tu sabe ler?” Ele respondeu: “Não sei, não!” O doutor disse: “-Pois tu perdeu metade da vida”. Quando chegou em alto-mar, o barco furou e começou a encher de água. Aí o pescador chamou o doutor e disse: “-Doutor, você sabe nadar?” Ele respondeu: “Não sei! Então falei para ele: -Pois aqui você vai perder é a vida toda.

Anedota do Seu Garajau : a aposta do mergulhador

Um rapaz era muito amigo da gente aqui na Pedra do Sal. Ele chegou querendo encontrar uma pessoa para mergulhar com ele. Quando chegou em uma casa, um senhor disse que seu filho queria ir com ele. A condição era a seguinte: quem sair primeiro vai pagar a despesa de quem ficou por último na água. O rapaz, que aceitou o desafio, disse assim: “- Pois deixa eu ir fazer uma compras para levar, pois, como vou demorar lá embaixo, preciso levar um rango”. De imediato, o apostador disse: “- Rapaz, tu já ganhou, nem vou testar, já que tu tem tanta experiência!”

CONTADORES DAS HISTÓRIAS DE PEDRA DO SAL

Pessoas que ao contar suas histórias participam deste livro.



³**Teresa Maria Martins de Oliveira**, tem 53 anos, moradora da Pedra do Sal.



⁴**Norma Sueli N. de Souza**, tem 40 anos. É presidente da Associação de Moradores e Pescadores de Pedra do Sal.



⁷**Ana Maria Araújo dos Santos**, tem 56 anos. Microempresária. Participa da Associação de Barraqueiros de Pedra do Sal.



⁸**Maria Amélia Ferreira da Costa**, tem 53 anos, Moradora da comunidade de Pedra do Sal.



¹**Carlos Fernando Silva do Nascimento**, tem 47 anos, mora na comunidade há mais de 20 anos. Foi comprador de peixe e pescador. É o Presidente da Associação Comunitária de Pedra do Sal.



²**Antônio Batista dos Santos**, tem 64 anos, pesca desde sua infância.



⁵**José Maria dos Santos. Apelido: Seu Garajau**, tem 73 anos, pescador, morador, cantor de embolada, contador de histórias de Pedra do Sal.



⁶**José Clóvis de Oliveira. Apelido: Seu Lô**, tem 75 anos, pescador a partir dos 11 anos de idade, morador de Pedra do Sal.



⁹**Maria da Conceição Nascimento dos Santos. Apelido: Conceição do Garajau**, tem 66 anos, moradora nascida na Pedra do Sal.



¹⁰**João Batista Roberto da Cunha. Apelido: Seu Jonas**, tem 71 anos, pescador desde os 14 anos, vice presidente da Associação de Moradores e Pescadores da Pedra do Sal.



¹¹Teresa Severiano dos Santos, tem 86 anos, moradora, nasceu na comunidade de Pedra do Sal.



¹²Antônio Severo do Nascimento. Apelido: Pescada, tem 60 anos, pescador, morador e filho de umas das primeiras famílias da Pedra do Sal.



¹³Francisco Gomes de Oliveira. Apelido: Chico Biô, tem 81 anos, pescador, morador e descendente de umas das famílias da Pedra do Sal.



¹⁴Ana Lucia do Nascimento Alves, tem 50 anos. E por 8 anos foi diretora a Escola Municipal Dr. João Silva Filho, na comunidade da Pedra do Sal.



¹⁵Bernadete Cunha Silva, tem 68 anos. Aposentada pela pesca. Canta a vida dos pescadores em apresentações públicas.



¹⁶José de Arimateia da Costa. Conhecida como Michele, 35 anos, nasceu na comunidade de Pedra do Sal.



¹⁷Maria Ferreira de Sousa. Conhecida como Conceição, tem 67 anos, moradora da comunidade de Pedra do Sal.



¹⁸Rosilene da Silva Patriota. Apelido: Dona Rosa do Bar, tem 49 anos, moradora na comunidade aproximadamente aos 20 anos. É microempresária.



¹⁹Herbert Freitas de Castro. Apelido: Quadrado, tem 34 anos, surfista, frequenta Pedra do Sal há mais de 15 anos.



²⁰Gilmar de Souza Silva, tem 44 anos. Iniciou a pescar aos 16 anos e quando a pesca está difícil faz pequenos trabalhos como pedreiro.



²¹Francisco Luiz da Silva. Apelido: Chico Luiz, tem 56 anos. Iniciou a pescar com 17 anos. Corta e entalha as velas das canoas na Pedra do Sal.



REALIZAÇÃO



PARCERIAS



APÓIO



AGÊNCIA BRASILEIRA DO ISBN